

Wellington da Silva Oliveira

A CRIANÇA DESVELANDO O VALOR DA LÍNGUA INGLESA
A importância da língua inglesa no ensino fundamental ciclo I

UNISAL
Americana
2010

Wellington da Silva Oliveira

A CRIANÇA DESVELANDO O VALOR DA LÍNGUA INGLESA
A importância da língua inglesa no ensino fundamental ciclo I

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação à Comissão Julgadora do Centro Universitário Salesiano de São Paulo, sob orientação do Professor Dr. Severino Antonio Moreira Barbosa

UNISAL
Americana
2010

Oliveira, Wellington

O52c A criança desvelando o valor da língua inglesa: a importância da língua inglesa no ensino fundamental ciclo I / Wellington da Silva Oliveira. – Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2010.
143 f.

Dissertação (Mestrado em Educação). UNISAL – SP.
Orientador: Profº Drº Severino Antonio Moreira Barbosa.
Inclui bibliografia.

1. Educação. 2. Língua Inglesa. 3. Criança. 4.
Aprendizagem. I. Título.

CDD – 372.652

Catálogo elaborado por Terezinha Aparecida Galassi Antonio
Bibliotecária do Centro UNISAL – UE – Americana – CRB-8/2606

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Severino Antonio Moreira Barbosa

Prof. Dr. Luís Antonio Groppo

Prof. Dr. José Geraldo Marques

DEDICATÓRIA

Dedico à minha mãe, que sempre me apoiou em meus estudos e acreditou em mim.
Ao meu pai, que trabalha muito para dar conforto à nossa família.
A minha família que eu tanto amo e me trata com muito carinho
Aos meus amigos que me apoiaram nos momentos difíceis.
A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram
para conclusão de mais esta etapa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a DEUS, que me possibilitou realizar este trabalho.

Ao meu orientador Severino por compartilhar parte de sua sabedoria e me ensinou ainda mais a saborear a palavra com suas explicações etimológicas, pelo apoio e confiança que sempre me passou.

Aos meus professores do mestrado, que me auxiliaram e contribuíram para o meu enriquecimento cultural.

Ao professor Groppo, pelo apoio, paciência e respeito aos mestrandos.

Ao professor José Geraldo, que, com suas palavras, me motivou ainda mais na conclusão deste trabalho.

Aos meus colegas do mestrado, pois certamente colaboraram direta ou indiretamente para a conclusão deste trabalho.

“As línguas são de certo modo seres que nos rodeiam e nos iluminam como grandes arcanjos viventes: é necessário lhes dar um espaço interior de acolhida e estar dispostos a escutá-los e a lhes prestar atenção. E sobretudo é necessário escutar, nas línguas, o valor de imagem que transmitem as palavras, que originalmente, etimologicamente, são parábolas.”

(BORDELOIS, 2005, p. 41)

Resumo

A pesquisa aborda questões sobre a importância do ensino da língua inglesa no Ensino Fundamental Ciclo I. O trabalho tem como fundamentação aspectos teóricos da obra de Walter Benjamin e suas reflexões sobre a criança e a educação, além das teorias linguísticas sobre os diferentes métodos e abordagens do ensino da língua inglesa ao longo dos tempos, estudados por Krashen; pesquisas em Linguística Aplicada, como os diferentes métodos e abordagens na contemporaneidade, analisados por Leffa, entre outros. Essa fusão de pesquisas na área da Educação e Linguística Aplicada, juntamente com as práticas pedagógicas aplicadas, formam o corpo deste trabalho. As análises dessas práticas, realizadas na rede privada de ensino, podem revelar o que há de melhor nas atividades lúdicas, dentro ou fora da sala de aula, essenciais na consolidação léxico-estrutural da língua inglesa, preparando o aluno para níveis mais complexos como Ensino Fundamental Ciclo II e Ensino Médio. A pesquisa evidencia a importância de se aprender a língua inglesa durante o Ensino Fundamental Ciclo I, pois é o período em que a criança geralmente inicia a compreensão do sistema formal da língua e ao praticá-la de uma forma divertida por meio de atividades lúdicas, a probabilidade de repeti-las é muito grande, fator essencial para a aprendizagem de qualquer língua estrangeira.

Palavras-chave: educação, língua inglesa, criança, aprendizagem.

Abstract

The research is about reflections on the importance of the foreign language in the elementary school. The study has its basis on Walter Benjamin's theoretical features and his reflections about the child and education, besides the linguistic theories about different methods and approaches, studied by Krashen, researches in Applied Linguistic, such as the different methods and approaches nowadays, analyzed by Leffa, among others. This fusion of Educational and Applied Linguistic researches, together with the applied pedagogical practices, form the corpus of this study. The analysis of these practices, realized on a private institution, can reveal the best of the ludic activities, in or outside the class, essential for the lexicon-structural consolidation of the foreign language, preparing the student for more complex levels as the Secondary school and High School. The research highlights the importance of learning the English Language during the elementary school I cycle, because it is the period in which the child usually begins to understand the formal system of the language and when practicing it in a fun way by recreational activities, the probability of repeating them is very high, a factor that is essential for learning any foreign language.

Key-words: education, foreign language, child, learning.

SUMÁRIO

Introdução	01
Capítulo 1 A Importância da Língua Inglesa	
1.1 Aquisição/ Aprendizagem	04
1.2 A influência da língua inglesa	11
1.3 Educação e as características da Escola Nova	13
1.4 O fator idade no ensino da língua inglesa	18
Capítulo 2 História e Contemporaneidade do Ensino da Língua Inglesa	
2.1 O ensino da língua inglesa em diferentes povos	22
2.2 Os Métodos e Abordagens ao Longo dos Tempos	23
2.3 Outras Teorias dos Métodos de Ensino de Língua Inglesa	31
2.4 Abordagens/ Métodos no Ensino de Língua Inglesa nas Escolas	37
Capítulo 3 Práticas em aulas de Língua Inglesa no Ensino Fundamental Ciclo I	
3.1 O perfil da escola particular e as aulas de Língua Inglesa	44
3.2 A criança e o saber oculto	49
3.3 Relatos e experiências	54
3.4 As diversas vozes	65
Considerações Finais	71
Referências Bibliográficas	74
Anexos	77

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda questões sobre a importância da Língua Inglesa no Ensino Fundamental Ciclo I. A pesquisa que fundamenta este trabalho se baseia em aspectos teóricos que tiveram como foco a aprendizagem na infância. As teorias que também auxiliaram na fundamentação da presente pesquisa referem-se aos diferentes métodos e abordagens do ensino da língua inglesa ao longo dos tempos e os estudos de Leffa, com suas pesquisas que também tiveram como foco o âmbito da linguagem e os diferentes métodos e abordagens na contemporaneidade.

Outros pesquisadores da área da linguística e também da educação auxiliaram na fundamentação teórica desta pesquisa. Essa fusão de estudos e especialmente as práticas pedagógicas formam o corpo da presente pesquisa. A realização deste trabalho busca reforçar a importância das diferentes práticas que podem auxiliar na motivação dos alunos a aprenderem a língua inglesa, como brincadeiras e atividades lúdicas dentro e fora da sala de aula. Durante a pesquisa, refletirá sobre a hipótese de que a aprendizagem de Língua Inglesa no Ensino Fundamental Ciclo I pode preparar o aluno para uma melhor compreensão da língua em níveis léxico-estruturais e outras habilidades linguísticas como a pronúncia, compreensão e familiaridade cultural dessa língua para os Ensinos Fundamental Ciclo II e Ensino Médio.

Para consolidar as hipóteses e teorias, foram avaliadas práticas de ensino da língua inglesa em dois 5^{os} anos do Ensino Fundamental Ciclo I de uma escola da rede privada do município de Americana. A razão da escolha da rede privada foi o fato de não existir o ensino de língua inglesa no Ensino Fundamental Ciclo I na rede pública de ensino. Além disso, muitas escolas particulares apresentam uma boa experiência no ensino da língua inglesa desde o Ensino Infantil. Os 5^{os} anos foram também importantes na escolha, pois são crianças que já tiveram contato com a língua desde o Ensino

Infantil e principalmente no Ensino Fundamental Ciclo I. Essas crianças podem ser uma fonte de pesquisa relevante neste trabalho, uma vez que estas são a ponte para o Ensino Fundamental Ciclo II.

Uma das características evidentes nas crianças do Ensino Fundamental Ciclo I é a necessidade da aula “diferente”, ou seja, sair do cotidiano do sistema apostilado e aprender por meio de brincadeiras e atividades. Quando satisfeitas, as crianças repetem o mesmo desenho, filmes, músicas e pedem para o professor reproduzir a atividade. O fator repetição pode se tornar uma ferramenta fundamental na aprendizagem da língua inglesa. A motivação pode ser um dos caminhos para uma aprendizagem eficaz de uma forma divertida e inesquecível.

Durante a pesquisa serão discutidos outros aspectos comuns em crianças, os quais também auxiliam na aprendizagem da língua inglesa, com a grande aceitação da maioria dos alunos em participarem das aulas, atividades e brincadeiras sem medo de errar. Consequentemente, a criança pode adquirir mais confiança ao cumprir os objetivos das tarefas na língua inglesa, percebendo que, através do seu trabalho e do seu esforço, pode transformar e intervir no meio onde vive e que a escola é um dos caminhos para que isso aconteça.

Outro aspecto essencial no ensino da língua inglesa nas séries anteriores, como as do Ensino Fundamental Ciclo I, é o fator lingüístico, pois os alunos, desde cedo, já mantêm contato com o léxico, estrutura, sons dos fonemas, enfim, várias habilidades linguísticas que auxiliarão na compreensão de estruturas mais complexas da língua inglesa em níveis mais avançados. Dessa forma, a pesquisa pretende analisar a importância das práticas pedagógicas motivacionais nas aulas de língua inglesa e refletir sobre os prováveis interesses e motivações dos alunos para aprenderem, consequentemente, podem auxiliar na aprendizagem, não somente no âmbito

linguístico, mas em outras aprendizagens, essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participantes, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem, utilizando sua própria língua ou outra e sendo capazes de se comunicarem e atuarem, construindo assim sua própria história.

Este trabalho está organizado em três capítulos, sendo que no primeiro serão abordados conceitos de Educação e Escola no contexto da presente pesquisa; será também traçado um panorama do Ensino da Língua Inglesa no Ensino Formal contemporâneo e alguns aspectos sobre a importância da língua inglesa. Logo após serão discutidos alguns conceitos como a diferença entre Aquisição e Aprendizagem no âmbito da linguística moderna, a influência da língua inglesa, o fator idade no ensino da língua inglesa e conceitos sobre Educação e algumas características da Escola Nova.

O segundo capítulo tem como objetivo traçar um histórico sobre os primeiros indícios do interesse de se aprender uma língua inglesa, o ensino da língua inglesa em diferentes povos, teorias, métodos e abordagens ao longo dos tempos e as abordagens ou métodos no Ensino de Língua Inglesa nas Escolas.

Para finalizar, no terceiro capítulo serão analisadas as diversas práticas em aulas de Língua Inglesa no Ensino Fundamental Ciclo I, como brincadeiras e atividades que foram trabalhadas durante o ano de 2009. Nesse último capítulo, pretende-se refletir sobre os relatos e experiências durante as diversas práticas pedagógicas dentro e fora da sala de aula, como as brincadeiras e atividades lúdicas. Também serão tratados os aspectos comuns, como a motivação e repetição, que poderão facilitar a consolidação léxico-estrutural da língua inglesa preparando o aluno para níveis mais avançados da aprendizagem.

Capítulo 1 A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA INGLESA

“O homem não fala a linguagem, mas a linguagem fala ao homem.’ Se aceitássemos que a língua circula em nós como o sangue que nos sustenta, ou que nos penetra como o ar que respiramos, estaríamos mais abertos a “ser falados” pelas línguas mais do que a falá-las, a ser inspirados e aspirados por elas, mais do que aspirá-las e inspirá-las onipotentemente, como em vão tentamos fazer”.

Ivonne Bordelois

Assim como a língua materna, a aprendizagem da língua inglesa pode ser de suma importância, pois é também um fator significativo para o desenvolvimento mental e, como em qualquer linguagem, auxilia na função social e comunicativa. Trabalhar com a língua, mesmo sendo estrangeira, é explorar um campo fértil de possibilidades, como diversas práticas que poderão auxiliar na construção da formação do educando, pois “a linguagem é expressão fundamental em que o sujeito constrói sua própria identidade (ORLANDI, 2002).”

Tanto no Ensino Infantil quanto no Ensino Fundamental Ciclo I, evidencia-se uma maior aceitação das diversas atividades, além do material didático, atividades, que serão mencionadas no terceiro capítulo e que se bem aplicadas, certamente serão cobradas pelos alunos, que, muitas vezes, pedem para repeti-las.

As crianças adquirem mais confiança ao cumprirem os objetivos das tarefas relacionadas à língua inglesa e percebem que, por meio do seu trabalho e do seu esforço, elas podem transformar e intervir no meio onde vivem, e que a escola é um dos caminhos para que isso aconteça. Por isso é importante valorizar o cotidiano nas aulas de língua inglesa, que poderão contribuir em diversos aspectos como formação,

confiança em encarar e aprender estruturas mais complexas em seus níveis mais avançados.

Mesmo com a influência da língua inglesa, sua importância acadêmica no mercado de trabalho, somente as instituições da rede privada a aplicam desde as séries anteriores, como no Ensino Infantil. As escolas particulares, cada vez mais, começam a enxergar e valorizar essa língua.

É comum andar pelos corredores das escolas privadas e presenciar aulas de inglês para crianças que ainda nem foram alfabetizadas em língua portuguesa; lógico que há um limite para que não haja interferência da língua estrangeira na aprendizagem da língua materna.

As crianças assimilam uma língua estrangeira com maior naturalidade quando iniciam mais cedo, um benefício significativo se pensarmos no acúmulo de conhecimento sobre a língua e consolidação da mesma durante todo os anos escolares. O que também nos leva a crer que iniciar o ensino de língua inglesa durante esse período se torna muito vantajoso é o fator curiosidade, que pode gerar a motivação, essencial ao aprendizado. Acredita-se que se as aulas forem mescladas com atividades ou brincadeiras lúdicas será mais fácil despertar a motivação e o interesse desses alunos.

Algumas considerações teóricas como, a discussão sobre linguagem e desenvolvimento cognitivo mostram a capacidade intelectual da criança para aprendizagem de uma Língua Inglesa.

Após uma extensa investigação, iniciada há meio século com seus filhos e outras crianças de seu meio, o psicólogo suíço Jean Piaget (1972) percebeu que as crianças possuem uma forma particular de pensar e entender, chegando à formulação teórica do desenvolvimento cognitivo (infantil).

O desenvolvimento do indivíduo inicia-se no período intra-uterino e vai até aos 15 ou 16 anos. Piaget diz que a embriologia humana evolui também após o nascimento, criando estruturas cada vez mais complexas. A construção da inteligência dá-se, portanto em etapas sucessivas, com complexidades crescentes, encadeadas umas às outras. A isso Piaget chamou de “construtivismo sequencial”. Os períodos em que se dá este desenvolvimento motor, verbal e mental são:

a) Período Sensório-Motor - do nascimento aos 2 anos, aproximadamente. A ausência da função semiótica é a principal característica deste período. A inteligência trabalha por meio das percepções (simbólico) e das ações (motor) através dos deslocamentos do próprio corpo. É uma inteligência iminentemente prática. Sua linguagem vai da ecolalia (repetição de sílabas) à palavra-frase ("água" para dizer que quer beber água) já que não representa mentalmente o objeto e as ações. Sua conduta social, neste período, é de isolamento e indiferenciação (o mundo é ele).

b) Período Simbólico - dos 2 anos aos 4 anos, aproximadamente. Neste período acontece a função semiótica que permite o surgimento da linguagem, do desenho, da imitação, da dramatização etc. Podendo criar imagens mentais na ausência do objeto ou da ação. É o período da fantasia, do faz de conta, do jogo simbólico. Com a capacidade de formar imagens mentais e transformar o objeto numa satisfação de seu prazer (uma caixa de fósforos em carrinho, por exemplo). É também o período em que o indivíduo “dá alma” (animismo) aos objetos ("o carro do papai foi 'dormir' na garagem"). A linguagem está ao nível de um monólogo coletivo, ou seja, todos falam ao mesmo tempo sem que respondam as argumentações dos outros. Duas crianças “conversando” dizem frases que não têm relação com a frase que o outro está dizendo. Sua socialização é vivida de forma isolada, mas dentro do coletivo. Não há liderança e os pares são constantemente trocados.

c) Período Intuitivo - dos 4 anos aos 7 anos, aproximadamente. Neste período já existe um desejo de explicação dos fenômenos. É a “idade dos porquês”, pois o indivíduo pergunta o tempo todo. Distingue a fantasia do real, podendo dramatizar a fantasia sem que acredite nela. Seu pensamento continua centrado no seu próprio ponto de vista. Já é capaz de organizar coleções e conjuntos sem incluir conjuntos menores em conjuntos maiores (rosas no conjunto de flores, por exemplo). Quanto à linguagem não mantém uma conversação longa, mas já é capaz de adaptar sua resposta às palavras do companheiro. Os Períodos Simbólico e Intuitivo são também comumente apresentados como Período Pré-Operatório.

d) Período Operatório Concreto - dos 7 anos aos 11 anos, aproximadamente. É o período em que o indivíduo consolida as conservações de número, substância, volume e peso. Já é capaz de ordenar elementos por seu tamanho (grandeza), incluindo conjuntos, organizando então o mundo de forma lógica ou operatória. Sua organização social é a de bando, podendo participar de grupos maiores, chefiando e admitindo a chefia. Já podem compreender regras, sendo fiéis a ela, e estabelecer compromissos. A conversação torna-se possível (já é uma linguagem socializada), sem que, no entanto possam discutir diferentes pontos de vista para que cheguem a uma conclusão comum.

e) Período Operatório Abstrato - dos 11 anos em diante. É o ápice do desenvolvimento da inteligência e corresponde ao nível de pensamento hipotético-dedutivo ou lógico-matemático. É quando o indivíduo está apto para calcular uma probabilidade, libertando-se do concreto em proveito de interesses orientados para o futuro. É, finalmente, a “abertura para todos os possíveis”. A partir desta estrutura de pensamento é possível a dialética, que permite que a linguagem ocorra por meio de discussões para se chegar a uma conclusão. Sua organização grupal pode estabelecer relações de cooperação e reciprocidade.

A importância de se definir os períodos de desenvolvimento da inteligência reside no fato de que, em cada um, o indivíduo adquire novos conhecimentos ou estratégias de sobrevivência, de compreensão e interpretação da realidade. A compreensão deste processo é fundamental para que os professores possam também compreender com quem estão trabalhando.

O foco da pesquisa é o Período Operatório Concreto (07 aos 11 anos), no qual as palavras tornam-se instrumento do processo do pensamento e a criança torna-se mais comunicativa. Partindo da premissa da concepção do Período Operatório Concreto da teoria de Piaget, pode-se pensar nessa faixa etária como importante no Ensino Formal, período em que a criança desenvolve habilidades que facilitam a compreensão de conceitos abstratos.

1.1 Aquisição versus Aprendizagem

Dentre as diversas investigações realizadas no campo da aquisição de segunda língua e língua estrangeira, as pesquisas de Stephen Krashen ocupam um lugar proeminente. Especialista no campo da linguística, sua reconhecida teoria de aquisição de segunda língua teve grande impacto em todas as áreas de pesquisa e ensino de segunda língua desde os anos 1980. Krashen (1982) formula sua teoria de aquisição de uma língua na qual é composta por cinco hipóteses: a distinção entre aquisição e aprendizagem, a ordem natural, o monitor, o insumo e o filtro afetivo. Como a presente pesquisa usará os termos aquisição e aprendizagem, é importante conceituá-las.

A distinção entre aquisição (*acquisition*) e aprendizado (*learning*) é uma das mais importantes hipóteses estabelecidas pelo norte-americano Stephen Krashen (1982) em sua teoria sobre aprendizado de língua estrangeira. A aquisição se refere ao processo natural de assimilação da língua inglesa, de forma intuitiva, subconsciente, fruto de

interação em situações reais de convívio na língua-alvo, em que o aprendiz participa como sujeito ativo. A aquisição da língua acontece de forma gradativa e assemelha-se ao processo de assimilação da língua materna na infância, quando a criança desenvolve gradualmente a competência oral e mais tarde a aprende as regras estruturais da língua.

Durante o processo de aquisição da língua inglesa, a criança é capaz de desenvolver o arcabouço fonético (ainda em formação) por meio de fonemas desconhecidos da língua materna. Cria-se uma competência inconsciente da estrutura e uso natural do léxico, além da capacidade de comunicação criativa e também da identificação de valores culturais.

Uma abordagem inspirada em aquisição valoriza o ato comunicativo e desenvolve a autoconfiança do aprendiz. Exemplos comuns de *language acquisition* são pessoas que tiveram uma grande exposição à língua inglesa, como pessoas que moraram no país da língua-alvo ou mesmo aqueles que tiveram uma carga horária satisfatória de cursos de idiomas e, além disso, praticam fora da sala de aula.

O conceito de aprendizado (*language learning*) para Krashen (1982) está ligado à abordagem tradicional do ensino de línguas, assim como é ainda hoje geralmente praticada nas escolas de ensino fundamental e médio. Preocupa-se com a língua na sua forma escrita e o objetivo é o ensino da estrutura e das regras do idioma por meio de esforço intelectual e de sua capacidade dedutivo-lógica. A forma tem importância igual ou maior do que a comunicação, não há prática das habilidades orais e pouco lugar para espontaneidade.

O processo de aprendizagem é progressivo e cumulativo, geralmente por meio de sistemas apostilados ou livros com planos didáticos predeterminados com ênfase no conhecimento metalinguístico, levando ao frustrante resultado de entender a língua, mas não dominá-la, principalmente na oralidade. Entretanto, vale-se reforçar a ideia de que

não se pode ignorar a importância do conhecimento estrutural da língua inglesa, com suas irregularidades, seus contrastes em relação à língua materna, conhecimento este que auxilia na habilidade prática de entender e falar a língua.

As características do ensino com o objetivo do aprendizado (*learning*) e não a aquisição (*acquisition*) da língua são: a) aulas centradas no professor, b) valoriza-se o correto e reprime-se o incorreto e c) a participação do aluno é predominantemente passiva. Resumindo, o professor ensina o saber sobre a língua – o que também é importante – e não o saber a língua, pois há uma grande probabilidade do aluno dominar o funcionamento estrutural da língua inglesa, mas não saber em qual contexto utilizá-lo. Um exemplo comum de *language learning* são os inúmeros graduados em Letras, já habilitados, porém ainda com extrema dificuldade em se comunicarem na língua que teoricamente poderiam ensinar.

Segundo Schütz (2009), a grande diferença entre a criança e o adulto quanto às habilidades cognitivas é que o adulto apresenta grande parte de seu desenvolvimento cognitivo formado. Com toda sua experiência, o adulto já traz consigo uma bagagem de conhecimento que lhe dá capacidade de formar conceitos hipotéticos, enquanto que a cognição da criança está em desenvolvimento. A vantagem que os adultos levam por terem habilidades cognitivas desenvolvidas é a capacidade de compreensão gramatical da língua estrangeira e de compará-la a sua língua materna; todavia as habilidades linguísticas como a fala e a compreensão auditiva podem deixar a desejar se não houver um grande insumo da língua alvo.

A criança possui a oportunidade de adquirir uma segunda língua de maneira natural (do mesmo modo como passou pela aquisição de sua própria língua materna), mas, segundo Piaget, durante o seu "estágio de operações formais", com o tempo, ela vai perdendo essa habilidade de forma gradativa.

Se o ensino da língua inglesa somente se iniciar no Ensino Fundamental Ciclo II, haverá um déficit de aprendizagem significativa, pois o adolescente, diferentemente das crianças, começa a elaborar sobre as regras que já possui e a ver suas próprias construções mentais como objeto de reflexão. Com isso, surgem barreiras como a auto-crítica, o medo de errar e a vulnerabilidade, entre outros filtros que poderão retardar a aprendizagem da língua estrangeira.

Partindo da premissa de que as barreiras são menos evidentes nas crianças e que as crianças do Ensino Fundamental Ciclo I encontram-se na faixa etária em que o sistema cognitivo prepara-se para compreender conceitos abstratos, pode-se reforçar a importância de se aprender a língua estrangeira durante esse período.

1.2 A influência da língua inglesa

Antigamente uma aula de língua inglesa no Ensino Formal era novidade para muitos alunos, pois a influência dessa língua era extremamente menor que na atualidade. Nos dias de hoje, o aluno não se surpreende com o professor apresentando a língua inglesa, pois ela está presente em diversos lugares do nosso cotidiano.

O mundo moderno é tão influenciado pela língua inglesa, que as pessoas não se dão conta que estão usando palavras dessa língua como o jargão da internet, por exemplo, a linguagem de vídeo-game do cinema, músicas etc.

Atualmente a língua inglesa é por muitos considerada a língua franca por diversas razões. Tudo começou no passado devido ao grande poderio econômico da Inglaterra no século XIX, alavancado pela Revolução Industrial. Conseqüentemente houve a expansão do colonialismo britânico, o qual chegou a alcançar uma vasta abrangência geográfica e uma igualmente vasta disseminação da língua inglesa.

A língua inglesa disseminou-se ainda mais por todo mundo a partir da Segunda Guerra Mundial, nos anos 40's devido ao poderio político-militar do EUA. Além disso, o país obteve uma marcante influência econômica e cultural, fazendo com que a língua inglesa substituísse o francês, como a língua dos meios diplomáticos e se solidificasse na posição padrão das comunicações internacionais.

Atualmente é incontestável a importância do inglês no mundo contemporâneo, pois há estimativas de que 75% de toda comunicação internacional por escrito, 80% da informação armazenada em todos os computadores do mundo e 90% do conteúdo da internet são em inglês, com um número aproximado de 1 bilhão de pessoas com um bom nível de conhecimento em todo mundo (CRYSTAL, 1997 p.360).

Partindo dessas estatísticas, ao assumir este papel de língua global, o inglês torna-se uma das mais importantes ferramentas, tanto acadêmica quanto profissional. É hoje inquestionavelmente reconhecida como a língua mais importante a ser adquirida na atual comunidade internacional. O inglês acabou tornando-se o meio de comunicação por excelência tanto do mundo científico como do mundo de negócios.

No contexto escolar atual, os alunos são bombardeados principalmente pela mídia norte-americana, que invade o mundo por meio da TV ou internet, nos influenciando com um consumismo exacerbado, em especial as crianças, muitas vezes inocentes e inconscientes do problema. Enfim como língua e cultura estão entrelaçados, pode-se perceber claramente a invasão do léxico da língua inglesa em nossa língua.

Contudo, focando somente o lado positivo, aquelas crianças expostas à língua inglesa, por meio de jogos de vídeo-game, internet, música, filme ou programas de TV internacionais, poderão receber uma dose de insumo lingüístico (KRASHEN, 1982 p.20). Conseqüentemente, há uma probabilidade de ocorrer uma aquisição inconsciente seja no nível léxico, gramatical ou fonológico, o que pode facilitar o aluno ao aprender a

língua futuramente. É o que ocorre com nossa língua materna, porém somos expostos a ela a todo o momento; assim, quando chegamos à escola já levamos uma bagagem de aprendizagem do Ensino Informal.

Como a criança pode adquirir uma língua estrangeira com maior facilidade e estamos inseridos em um contexto onde o inglês tem-se feito presente diariamente, devemos levar em consideração que essa língua é de fato importante uma vez que, com ela, podemos nos comunicar mundialmente, expandindo nossos horizontes e elevando nosso conhecimento.

1.3 – Educação e as características da Escola Nova

No Brasil, as ideias da Escola Nova foram inseridas em 1882 por Rui Barbosa (1849-1923). O grande nome do movimento na América foi o filósofo e pedagogo John Dewey (1859-1952). John Dewey, filósofo norte americano, influenciou a elite brasileira com o movimento da Escola Nova. Para John Dewey (TEIXEIRA, 1959), a Educação é uma necessidade social. Por causa dessa necessidade as pessoas devem ser aperfeiçoadas para que se afirme o prosseguimento social, assim sendo, possam dar prosseguimento às suas ideias e conhecimentos.

No século XX, vários educadores se evidenciaram, principalmente após a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932. Na década de 30, Getúlio Vargas assume o governo provisório e afirma a um grupo de intelectuais o imperativo pedagógico do qual a revolução reivindicava; esses intelectuais envolvidos pelas ideias de Dewey e Durkheim se aliam e, em 1932, promulgam o Manifesto dos Pioneiros, tendo como principal personagem Fernando de Azevedo.

A Escola Nova foi um movimento de renovação do ensino que foi especialmente forte na Europa, na América e no Brasil, na primeira metade do século XX. O

escolanovismo desenvolveu-se no Brasil sob importantes impactos de transformações econômicas, políticas e sociais. O rápido processo de urbanização e a ampliação da cultura cafeeira trouxeram o progresso industrial e econômico para o país, porém, com eles surgiram graves desordens nos aspectos políticos e sociais, ocasionando uma mudança significativa no ponto de vista intelectual brasileiro.

Na essência da ampliação do pensamento liberal no Brasil, propagou-se o ideário escolanovista. O escolanovismo acredita que a educação é o exclusivo elemento verdadeiramente eficaz para a construção de uma sociedade democrática, que leva em consideração as diversidades, respeitando a individualidade do sujeito, aptos a refletir sobre a sociedade e capaz de inserir-se nessa sociedade. Então de acordo com alguns educadores, a educação escolarizada deveria ser sustentada no indivíduo integrado à democracia, o cidadão atuante e democrático.

É importante salientar neste trabalho de pesquisa alguns conceitos e ideias que são abordados por diversos pesquisadores sobre o que é educação e também apresentar as características da Escola Nova, que vão ao encontro das abordagens práticas desenvolvidas nas aulas de língua inglesa com os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental Ciclo I.

Para John Dewey a escola não pode ser uma preparação para a vida, mas sim, a própria vida. Assim, a educação tem como eixo norteador a vida-experiência e aprendizagem, fazendo com que a função da escola seja a de propiciar uma reconstrução permanente da experiência e da aprendizagem dentro de sua vida. (TEIXEIRA, 1959). Então, para ele, a educação teria uma função democratizadora de igualar as oportunidades. De acordo com o ideário da escola nova, quando falamos de direitos iguais perante a lei, devemos estar aludindo aos direitos de oportunidades iguais perante a lei.

O princípio é que os alunos aprendem melhor realizando tarefas associadas aos conteúdos ensinados. Atividades manuais e criativas ganharam destaque no currículo e as crianças passaram a ser estimuladas a experimentar e pensar por si mesmas (ASSIS-PETERSON & GONÇALVES, 2000/2001). Nesse contexto, a democracia ganha peso, por ser a ordem política que permite o maior desenvolvimento dos indivíduos, no papel de decidir em conjunto o destino do grupo a que pertencem. Dewey defendia a democracia não só no campo institucional, mas também no interior das escolas.

Ao pensarmos na palavra Educação, muitas inferências são rapidamente atribuídas a ela, dando-lhe diversos significados, sejam eles baseados no senso comum ou de ordem mais teórica e sistemática. Na esfera do senso comum, pode-se pensar educação como um âmbito de atitudes: ter bons modos nos diversos ambientes do meio social - no restaurante, em casa, na rua, na escola, ou comportar-se de maneira educada, não responder os mais velhos, não correr ou gritar em público etc.

O conceito de educação concentra-se também na aquisição de conhecimento, do aprender, do saber, do estudar, do conhecer, de construir novas ideias e pensamentos, remetidos ao âmbito da instituição escolar, seja a rede privada ou pública. Apropriar-se de saberes é um papel social que a escola assumiu, ou seja, é neste lugar que as pessoas “vão aprender”. Assim, a palavra educação permeia os diversos contextos sociais, com diferentes interpretações de sua função e significados.

Partindo da premissa que a palavra Educação pode dar margem a diversos significados, podemos remeter tal ideia à de Brandão (1981) o qual afirma que “da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as intocáveis práticas dos mistérios de aprender” (BRANDÃO, 1981 p.10).

Uma vez que o contexto da presente pesquisa se refere ao trabalho pedagógico voltado às práticas da língua inglesa, o ato educativo se faz presente e consolidado, pois

envolve diferentes sujeitos sociais e são estes que constroem opiniões e produzem conhecimento.

Deve-se lembrar que o corpus da presente pesquisa são alunos dos 5^{os} anos de uma escola da rede privada na cidade de Americana-SP. Mesmo sendo uma das melhores instituições da cidade, adota, como a maioria das escolas particulares, material apostilado que, se não for bem trabalhado, pode causar divergências pedagógicas.

Essas escolas se inserem em um contexto tecnicista, pois há escolas que se tornaram grandes empresas; conseqüentemente, os pagantes poderão confundir os conceitos escola, professor e aluno com os de empresa, empregado e cliente. Para piorar, essas “empresas” acatam a filosofia de que o cliente sempre tem a razão.

O sistema apostilado pode alienar os alunos assim como os pais, pois são programas prontos e padronizados para diversas filiais, independentemente das diferentes realidades sociais. O cliente que paga, geralmente os responsáveis pela criança, também interfere nas práticas pedagógicas cotidianas das escolas da rede privada. É comum os pais se preocuparem com a educação das crianças, mas muitos acreditam piamente no sistema apostilado e às vezes não se sentem confortáveis em saber que o filho pode ter feito uma aula “diferente” ou fora da sala de aula. Alguns podem até ligar ou marcar reuniões pedagógicas para saberem se o conteúdo da apostila está sendo realmente cumprido.

Todavia mesmo com algumas divergências que tentaram dificultar o trabalho da presente pesquisa, as práticas pedagógicas aplicadas nas aulas de língua inglesa, que serão detalhadas no terceiro capítulo, apresentaram características da Escola Nova, uma vez que acredita-se que a educação é elemento verdadeiramente eficaz para a construção de uma sociedade democrática, que leva em consideração as diversidades, respeitando

as individualidades dos sujeitos, aptos a refletir sobre a sociedade e capazes de inserir-se nessa sociedade - pensamento central do escolanovismo.

Portanto, de acordo com alguns educadores, a educação escolarizada deveria ser sustentada no indivíduo integrado à democracia, o cidadão atuante e democrático. Assim, parafraseando Brandão (1981), a educação não compreende somente o cumprimento dos conteúdos pedagógicos e disciplinares, mas tem na sua essência continuar no homem seu trabalho de evolução e assim torná-lo mais humano. Essa visão permite refletir sobre um ideal pedagógico que não se resume em apostilas, conteúdos programáticos, alunos sentados em fileiras, mas vai além, por meio do trabalho com música, filmes, teatros, atividades lúdicas que motivam, promovem um envolvimento entre os alunos, professores e comunidade escolar, ou seja, todos estão aprendendo em conjunto e não de forma vertical e segregada.

Portanto, é importante destacar que este trabalho desenvolvido nas aulas de língua inglesa nos 5^{os} anos tende a se aproximar das características da escola nova.

Como nos ensina Gadotti:

a teoria e a prática escolanovista se disseminaram em muitas partes do mundo, fruto certamente de uma renovação geral que valorizava a autoformação e atividade espontânea da criança. A teoria da Escola Nova propunha que a educação fosse instigadora da mudança social e, ao mesmo tempo, se transformasse porque a sociedade estava de mudança. (GADOTTI, 1997, p. 142)

Isso afirma que as atividades de salas de aula da Escola Nova não tendem a trabalhar os alunos por meio de uma única prática mecânica, mas que levam os educandos a refletirem de forma dinâmica e prática sobre o que estão aprendendo.

Com isso entendemos que não nos prendemos ao que o aluno deve teoricamente saber, mas de que forma este vai aprender e os mecanismos que os levam a este aprendizado. Pois, de acordo com a Escola Nova (GADOTTI, 1997), a escola deve ser

um espaço de atividades espontâneas, pessoais e produtivas, ou seja, é muito importante que o educando concretize o que está aprendendo.

Portanto, as características da Escola Nova se aproximam das práticas retratadas na presente pesquisa, uma vez que essas não compreendem somente as apostilas, mas também atividades diferentes, lúdicas, de acordo com o momento, espaço e a vontade dos alunos, todavia, não deixando de trabalhar com o conteúdo de cada aula.

O contexto deste trabalho entende que “a educação é essencialmente processo e não produto, um processo de reconstrução e reconstituição da experiência, um processo de melhoria permanente da eficiência individual.” (GADOTTI, 1997, p.143). Dessa forma, o aluno está envolvido em todo o processo de aprendizagem, se desenvolvendo, e não há destaque para aqueles que aprendem mais ou menos, pois todos se encontram em trabalho no processo de formação individual e coletiva.

1.4 O fator idade no ensino da língua inglesa

Uma das perguntas frequentes sobre ensino e aprendizagem de língua estrangeira é o fator “idade ideal” para estudar a língua inglesa. É comum que muitos pais de alunos façam essa pergunta, porém também é comum a variedade de respostas baseadas em experiências do cotidiano, muitos a favor de colocar a criança para estudar a língua estrangeira o mais cedo possível.

Todavia são diversas as hipóteses sobre a viabilidade da aquisição da língua estrangeira para crianças nas séries iniciais, uma vez que muitos questionamentos a respeito da melhor idade para se aprender línguas ainda não foram respondidos. De maneira geral, há muitas crenças e mitos e poucos fatos referentes ao ensino de língua estrangeira para crianças, como afirmam Assis-Peterson e Gonçalves (2000/2001, p.11).

Na maioria das vezes, as afirmações de que quanto mais cedo o ensino da língua estrangeira tiver início melhor, não passa de senso comum. Além disso, de acordo com Castro (1996), acreditava-se que aprender uma segunda língua na fase de alfabetização poderia prejudicar o desenvolvimento da língua materna. Porém, segundo o primeiro princípio da psicologia Vygotskiana, que se refere à relação entre pensamento e linguagem, defende-se que, ao contrário do que muitos imaginavam e ainda imaginam, o aprendizado de uma língua estrangeira na fase de alfabetização contribui para o aprendizado da língua materna.

Deve-se lembrar que a idade não é o único fator que determina o modo pelo qual se aprende uma língua, mas também as oportunidades para a aprendizagem, a motivação, enfim, fatores sócio e psicolinguísticos. Não se pode esquecer de que as crianças apresentam características singulares que devem ser respeitadas e utilizadas como ferramentas auxiliares para a aprendizagem dentro e fora de sala de aula.

É sabido que crianças, adolescentes e adultos apresentam diferentes características de aprendizagem. Algumas das características das crianças da faixa etária de 4 a 6 anos são: elas se envolvem muito mais nas atividades, são mais entusiasmadas e geralmente idolatram o professor. Porém, outro fator importante dessa faixa etária é que muitas vezes as crianças não entendem porque precisam aprender uma língua estrangeira e também não conseguem se concentrar por mais de 30 minutos em uma atividade somente.

Para que haja mais tempo de concentração, deve-se fazer com que a criança participe de jogos e brincadeiras, que são maneiras de concretizar o conhecimento, uma vez que o cognitivo não está preparado e necessita de atividades lúdicas para que a criança possa consolidar o conteúdo.

Partindo da premissa de que a criança do Ensino Infantil não apresenta o cognitivo desenvolvido e não apresenta grande tempo de concentração, acredita-se que as aulas terão que ser baseadas em vocabulário, mas sem enfoque nas explicações gramaticais. A aprendizagem do vocabulário de uma forma isolada ainda não seria ideal, não que o aprendizado do vocabulário seja desnecessário, mas a forma como é apresentado é descontextualizada, fazendo com que o aluno aprenda ou decore as palavras por repetição e memorização, não por interação.

Para que a criança saiba utilizar o vocabulário ensinado, deverá adquiri-lo em um contexto extralinguístico, geralmente em contexto de imersão, como no próprio país da língua-alvo. Há também a possibilidade de aulas com atividades lúdicas, mesmo assim o ensino estará em um nível de aprendizagem e não de aquisição. Para que haja aquisição, ou seja, utilização da língua como se fosse a língua materna, é necessário passar por uma grande dose de insumo da língua-alvo (*input*). Como afirma Krashen a respeito da hipótese do insumo linguístico:

primeiro adquirimos o significado e, como resultado, a estrutura. O indivíduo que está adquirindo uma língua não está preocupado com a forma, no como dizer, mas sim no uso que pretende fazer dela. [...] quanto maior e mais adequado for o input fornecido ao indivíduo, melhor será sua produção linguística (KRASHEN, 1982)

Essa hipótese de Krashen não é válida para o Ensino Formal da língua inglesa, e sim para a aquisição natural, aquela que recebemos no dia-a-dia, que inconscientemente praticamos e com as quais nos tornamos competentes antes mesmo de aprendê-la na escola. A criança apresenta muitas vantagens na aquisição de língua estrangeira em contextos de imersão, mas, no contexto da aprendizagem escolar (Ensino Formal) haverá limites; o professor não poderá exigir conteúdos abstratos como a gramática, e sim vocabulário e pronúncia.

Por outro lado, ao se tratar de aprendizagem, aqueles com idade entre 7 a 11 anos, ainda são crianças, mas já conseguem perceber o sentido de uma língua estrangeira, pois além de fatores biológicos – como o desenvolvimento cognitivo – há diversas vantagens que esses alunos ainda geralmente apresentam, como: a motivação e a participação assídua nas diversas atividades.

Dessa forma, além do material didático, pode-se aplicar uma série de atividades e considera-se que, ao aprender a língua materna, quanto mais rica e fluente for a linguagem, mais rica será a interação social, essencial para que as crianças consigam utilizar a língua como objeto de suas próprias operações. Segundo a teoria de Krashen, isso também é válido para o ensino de língua estrangeira, uma vez que sua produção linguística depende do insumo recebido.

Conforme já citado, o sucesso para a aprendizagem de uma língua estrangeira depende de vários fatores relacionados tanto aos alunos quanto aos professores. Para que os alunos aprendam uma língua, eles precisam estar motivados e interessados, cabendo ao professor propiciar momentos de aprendizagem relevantes, fazendo da sala de aula um ambiente de interação. Assim não basta que o professor conheça a língua que irá ensinar: ele deve conhecer também seus alunos.

As diversas atividades aplicadas nos 5^{os} anos do Ensino Fundamental Ciclo I tiveram como objetivo trabalhar questões linguísticas e proporcionaram momentos de interação verbal, relações interpessoais em sala de aula, além das brincadeiras, jogos e outras atividades que permitiram à criança concretizar o conhecimento.

Capítulo 2 – HISTÓRIA DO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

"O principal objetivo da educação é criar homens que sejam capazes de realizar coisas novas, não simplesmente de repetir o que as outras gerações fizeram."

Jean Piaget

2.1 O Ensino da Língua Inglesa em diferentes povos

A necessidade de conhecer outros idiomas e culturas é um dos primeiros passos da interação entre as diversas civilizações. Aprender uma língua estrangeira – seja por questões econômicas, diplomáticas, sociais, comerciais ou militares – é uma necessidade muito antiga e primordial para comunicar-se com falantes de outros povos.

Acredita-se que as primeiras aprendizagens de uma segunda língua ocorreram diretamente pelo contato direto com o estrangeiro; posteriormente, alguns povos se preocuparam em sistematizar o ensino da língua estrangeira.

Há evidências do ensino de língua estrangeira desde a conquista dos sumérios – que tiveram que aprender a língua dos povos conquistados – pelos acadianos, por volta do ano 2350 a.C. Da mesma forma, os romanos tiveram que aprender o grego ao conquistarem a Grécia em 146 a.C..

A necessidade de se falar uma língua estrangeira continuou durante a Idade Média, um exemplo claro é o latim, uma língua de muito prestígio, considerada a língua da igreja, dos negócios, das relações internacionais, das publicações filosóficas, literária e científica. Conseqüentemente, exigia-se dos educadores o bilingüismo: o latim como língua culta e o vernáculo como língua popular.

A consagração do latim como língua de status se estende até o século XVIII, momento em que os textos em língua inglesa tornam-se objeto de estudo: os exercícios

gramaticais e traduções substituem a forma anterior de ensino que partia de frases isoladas tiradas da língua materna. Portanto iniciam-se métodos e abordagens que se consagraram no decorrer dos tempos até os dias atuais. Para esclarecer essa trajetória de mudanças no ensino e aprendizagem de língua inglesa ao longo dos tempos, os próximos capítulos se apoiarão nas pesquisas de Krashen (1982), Leffa (1988) e Richards and Rodgers (1986).

2.2 Os Métodos e Abordagens ao Longo dos Tempos

Antes de descrever as diferentes fases das abordagens ao longo dos tempos, é importante distinguir os conceitos das palavras abordagem e método. O termo abordagem surgiu devido à grande abrangência com que se usava a palavra “método” no passado. A palavra abordagem (*approach* em inglês) pode ser considerada mais abrangente e se refere aos pressupostos teóricos acerca da língua. Dessa forma, as abordagens variam de acordo com a mudança dos pressupostos.

O pressuposto, por exemplo, de que a língua é uma resposta automática a um estímulo e de que a aprendizagem se dá pela automatização dessas respostas vai gerar uma determinada abordagem para o ensino de línguas – que será diferente da abordagem gerada pela crença de que a língua é uma atividade cognitiva e de que a aprendizagem se dá pela internalização das regras que geram essa atividade. (LEFFA, apud BOHN e VANDERSEN, 1988)

É importante lembrar mais uma vez que o termo “aprendizagem” (*learning*) é entendido pelo reconhecimento consciente das estruturas linguísticas, normalmente obtido por meio de explicações das regras gramaticais. Já a “aquisição” (*acquisition*) é o desenvolvimento inconsciente, espontâneo da língua-alvo.

Dessa forma, na aprendizagem, o aluno pensará em regras gramaticais e provavelmente se expressará de uma forma mecânica; porém, com a prática, haverá possibilidade de o falante chegar ao nível da aquisição – em que o enunciado já se origina diretamente na segunda língua. Uma vez que o aluno adquiriu a língua, isso

indica que ele obteve uma competência inconsciente e poderá se expressar naturalmente por meio da língua inglesa em diversos contextos.

A Abordagem da Gramática e Tradução

Durante o século XIX, com muita consagração, surge a Abordagem da Gramática e Tradução, também denominada Abordagem Tradicional. Foi a primeira abordagem a ser usada com o objetivo de ensinar as línguas clássicas, como o grego e o latim. Até o início do século XX, vigorava somente esse método, o qual enfatizava a compreensão de textos e a gramática normativa por meio de traduções e versões de textos literários.

Quase não havia interação entre o professor e o aluno, pois a relação professor-aluno era vertical, ou seja, o professor representava a autoridade e a detenção do saber. A aprendizagem era trabalhada de forma rigorosa e o erro não era permitido.

O Método de Gramática e Tradução é um processo dedutivo, pois parte das regras gramaticais para a compreensão do todo. Ensina-se a língua-alvo por meio da língua materna. Os três passos essenciais para aprendizagem da língua são: a) memorização prévia de uma lista de palavras; b) conhecimento das regras necessárias para formar frases com as palavras memorizadas e c) exercícios de tradução e versão.

Um dos aspectos mais centrais do método de Gramática e Tradução são as aulas ministradas na língua materna do aluno; dessa forma há pouco uso da língua-alvo; o enfoque lingüístico é gramatical, o aluno deve conhecer a terminologia, regras do idioma com todas as suas exceções; a leitura dos textos clássicos, muitas vezes difíceis, é feita desde os estágios iniciais; a tradução da língua-alvo para a língua materna é um exercício típico; pouca atenção é dada ao conteúdo dos textos, que são tratados como exercício de análise gramatical; pouca ou nenhuma ênfase é dada à pronúncia; não é

preciso que o professor saiba falar a língua-alvo, somente conhecer o léxico e as regras gramaticais.

De acordo com estudos lingüísticos (RICHARDS E RODGERS, 1986), surgiram muitas reclamações de alunos, pois uma das maiores insatisfações da Abordagem da Gramática e Tradução era a exigência de se estudar textos literários clássicos, considerados cansativos e muitas vezes desnecessários e, exigia-se muito do professor para que o mesmo dominasse os textos, além disso, havia pouca ênfase na fala.

O resultado dessa abordagem, na maioria das vezes se limitava à aprendizagem (*learning*) superficial, pois, dificilmente o aluno adquiria (*acquisition*) a linguagem, pelo fato de se ensinar somente as duas habilidades lingüísticas - ler e escrever.

A Abordagem Direta (MD)

Enquanto a Abordagem da Gramática e Tradução era criticada, a Abordagem Direta teve grandes defensores como Harold Palmer, Otto Jespersen e Emile de Sauzé etc. Tão antiga quanto a abordagem anterior, a Abordagem Direta teve sucesso na Bélgica em 1895, na França em 1902 e na Alemanha em 1902. Essa abordagem surge no Brasil em 1932, considerada como um método inovador, também denominado Método Direto, em que se valorizam as quatro habilidades: ler, escrever, ouvir e falar, diferentemente do Abordagem da Gramática e Tradução, em que a oralidade era praticamente ignorada.

Essa metodologia era designada direta porque tinha como forte característica as aulas ministradas diretamente na língua-alvo, em que não era permitido o uso da língua materna em classe. Para que houvesse explicação para a compreensão dos significados, trabalhava-se muito com a linguagem não-verbal: gestos, fotos, gravuras etc. Como a

ênfase era a conversação, a linguagem escrita era trabalhada em segundo plano – compreensão de textos e exercícios gramaticais.

A Abordagem Direta se aproximava da Abordagem da Gramática e Tradução no momento em que o aluno não ganha autonomia para criar seu próprio discurso na língua inglesa, uma vez que o professor era visto como o detentor do saber, o centro do processo de ensino-aprendizagem. Além disso, não havia muita interação entre os alunos, que conversavam entre si por meio de perguntas e respostas – modelos de conversação preparados pelo professor.

As principais características da Abordagem Direta eram: a técnica da repetição para o aprendizado automático da língua; lições com diálogos e anedotas breves quando introduz-se a linguagem coloquial; ações e ilustrações eram usadas para esclarecer o significado do léxico a ser aprendido; não era permitido o uso da língua materna, o que significava que a tradução para a língua materna do aluno era abolida; o professor não precisava saber a língua materna do aluno, portanto, ele deveria ser um falante fluente da língua-alvo ou até mesmo um nativo; a gramática era ensinada indutivamente e regras de generalização surgem da experiência; os alunos avançados podiam ler textos literários por prazer sem aquela preocupação de analisar a gramática normativa dos mesmos.

Mesmo com seu prestígio, a Abordagem Direta encontrou dificuldades em se expandir, pois muitas vezes faltava o pré-requisito essencial: fluência oral e boa pronúncia. Além disso, um dos agravantes era a necessidade de uma resistência física para manter a ênfase na fala durante várias horas diárias.

Era muito comum que o professor iniciasse as aulas por meio da Abordagem Direta e “[...] acabava sistematicamente regredindo a uma versão metodológica da Abordagem da Gramática e Tradução” (LEFFA, 1988).

Método Audiolingual

No final do século XIX, mesmo com o avanço dos estudos em fonética e fonologia, a Linguística, ainda não se havia delimitado métodos científicos para seu objeto de estudo no ensino e aprendizagem de língua inglesa. Todavia no século XX, surgem publicações de estudos no campo da Linguística, como o Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure (França, 1916), ricos em teorias e pesquisas nesse campo. Saussure afirmava que a língua deve ser analisada como um sistema de regras composto por elementos lexicais, gramaticais e fonológicos que são organizados em níveis hierarquizados, em que cada elemento está determinado em função de suas combinações com o nível superior.

Além das pesquisas francesas, surgem nos Estados Unidos grandes esforços nas pesquisas de cunho linguístico, destacando-se Leonard Bloomfield, com seu livro *Language*, publicado em 1933, que se tornou a obra de referência mais importante da Linguística americana.

Para Bloomfield, também estruturalista, a pesquisa de campo deveria preceder a descrição, pois a língua é essencialmente um instrumento de comunicação oral e deve ser descrita a partir daí. Além disso, destaca-se a teoria psicológica behaviorista, bem atuante no meio acadêmico norte-americano, pois para Bloomfield, a língua era tratada como um conjunto de hábitos adquiridos por meio de uma relação de estímulo e resposta.

O contexto era da iminência de uma segunda Guerra Mundial, em que os soldados dos Estados Unidos necessitavam de contato com aliados e inimigos, assim, eclodem teorias e práticas do Método Audiolingual para fins de inteligência militar. Foram convocados em 1941 linguistas, entre os quais Leonard Bloomfield, para estruturarem um método de ensino de línguas intensivo e eficaz.

Cria-se o ASTP (*Army Specialized Training Program*), um programa que tinha o objetivo de levar militares à proficiência em uma ou mais línguas estrangeiras em um curto espaço de tempo. O Método do Exército, como era vulgarmente conhecido o ASTP, combinava técnicas do Método Direto e de um método desenvolvido a partir do estudo de línguas indígenas, além da preparação de livros e gravações para instrução auto-didática.

Para que os soldados “adquirissem” a língua com agilidade e certa fluência, utilizavam-se atividades estruturais conhecidas como *drills*, em que o aluno deveria imitar e repetir inúmeras vezes os exercícios, muitas vezes cansativos, para adquirirem automatismo e habilidade na língua-alvo.

Esses reflexos condicionados eram repetidos mecanicamente até serem memorizados. Esse método foi – e ainda é – muito utilizado, pois forçava o aprendiz a repetir até memorizar a estrutura da língua inglesa. Essa visão acabou dando origem ao método áudio-oral e audiovisual conhecidos nos dias atuais na maioria dos cursos de idiomas, porém há inúmeros estudos que controvertem essa forma de se ensinar uma língua inglesa.

Surgem métodos sistemáticos com livros 1, 2 ou básico, intermediário, avançado, fáceis de serem mantidos, pois são métodos acabados, prontos para serem repetidos pelo instrutor de idiomas. As principais características do Método Audiolingual são:

- a) os tópicos a serem aprendidos são sempre introduzidos em forma de diálogo, muitas vezes em uma linguagem coloquial, retomando a realidade do aluno;
- b) o aprendizado depende em grande parte de repetição de exercícios estruturais;
- c) Não há ênfase em explicações gramaticais e a gramática é ensinada preferencialmente por meio de analogias indutivas;

- d) dá-se grande importância à correção da pronúncia, pois a ênfase está na oralidade ;
- e) a língua materna raramente é permitida no ensino da língua-alvo;
- f) é comum o reforço imediato - característica do behaviorismo - das respostas corretas através de pontuação ou elogio;
- g) o aluno precisa de um grande esforço para produzir enunciados sem erros;
- h) há uma sequência gramatical a ser ensinada;
- i) o vocabulário é extremamente limitado e restrito ao contexto, pois o assunto já está praticamente acabado;
- j) usavam-se fitas k-7, mas hoje os recursos são mais modernos como CD de áudio ou MP3 e diversos recursos audiovisuais além do material didático.

Mesmo com todos os recursos tecnológicos oferecidos, esse método tem sofrido grande declínio, pois constatou-se que a repetição e a memorização eram extremamente limitadas no desenvolvimento da proficiência na língua-alvo, a aquisição da língua não é apenas uma questão de formação de hábito. Mesmo assim o Método Audiolingual foi e ainda é de extrema importância no ensino de língua inglesa, sendo que algumas de suas técnicas ainda são bastante praticadas em vários cursos de língua inglesa, porém com outras características, como a diminuição daqueles exercícios estruturais e repetições cansativas.

Abordagem comunicativa

Enquanto que nos Estados Unidos imperava o estruturalismo de Bloomfield e a gramática gerativo-transformacional de Chomsky, os linguistas europeus quebravam paradigmas enfatizando o estudo do discurso. Com o a análise de discurso valorizava-se

o contexto extralingüístico, suas condições de comunicação e a língua era vista como um conjunto de eventos comunicativos.

A competência comunicativa pressupõe a combinação de vários componentes: lingüístico, discursivo, referencial e sócio-cultural. Dessa forma, transforma-se o conceito de comunicação para um conjunto de enunciados lingüísticos de acordo com a intenção de comunicação (o enunciador) da situação de comunicação (o contexto) e do ouvinte (enunciatário). Conseqüentemente houve necessidade de se desenvolverem outras ciências da linguística, como a sociolinguística e a psicolinguística.

O professor deixa de ser o centro da comunicação ao exercer seu papel de orientador. A situação de comunicação é tão importante quanto o enunciador e o enunciatário. O professor-orientador deve mostrar interesse nos anseios dos alunos, encorajá-los à participação em sala e aceitar sugestões. Nesse método não existe uma ordem de preferência das quatro habilidades lingüísticas (ouvir, falar, ler e escrever), além disso, não há restrições ao uso da língua materna, principalmente em situações comparativas das duas línguas.

Utiliza-se o método indutivo, o qual leva o aluno a descobrir a estrutura lingüística por si só por meio da reflexão e elaboração de hipóteses. Parte-se da premissa de que os erros gramaticais devem ser corrigidos de forma menos sistemática e que o professor tem a missão de fazer com que muitos alunos minimizem ou eliminem seus bloqueios ao aprender uma segunda língua. O professor deve criar uma atmosfera confortável, confiante e prazerosa, deve ser sensível, tolerante, flexível, um facilitador da aprendizagem. Esses fatores podem contribuir para baixar o filtro afetivo, como diz Krashen (1982), favorecendo, portanto, a aprendizagem.

Em suma, algumas características do Método Comunicativo são: a) valoriza-se o trabalho em grupo; b) espera-se do professor tanto uma boa proficiência geral da língua-

alvo como habilidade de analisar a língua; c) criam-se várias técnicas como o *role-play* – técnicas de criatividade e dramatizações; d) os erros são muitas vezes vistos como desvios lingüísticos naturais na aprendizagem; e) a pronúncia não é enfatizada e encara-se a perfeição como uma meta não realística; f) a gramática é ensinada indutivamente;

A Metodologia Comunicativa transcende as estruturas gramaticais, pois trata-se de uma expressão de significados que tem como meta primordial oportunizar a comunicação e a interação. Portanto, o objetivo de um curso de língua comunicativo é levar o aluno a lidar com a língua em diferentes contextos comunicativos usando sua estrutura de maneira satisfatória. Desta forma, a característica marcante da Abordagem Comunicativa, que a diferencia com mais nitidez dos métodos anteriores, é a ênfase no significado e no uso da língua. A ênfase é a tentativa de comunicação real, presumindo-se que para que o aluno possa utilizar a língua-alvo de maneira eficaz em diversos contextos extralingüísticos, ele terá que praticá-la constantemente.

Prevalecem os processos comunicativos sobre as formas linguísticas; dessa forma, a Abordagem Comunicativa vai mais além do que o simples aprendizado de conhecimentos gramaticais, ela permite a aquisição da língua e a capacidade de utilizá-la em diversas situações comunicativas.

2.3 Outras Teorias dos Métodos de Ensino de Língua Inglesa

O ensino/ aprendizado de língua inglesa baseia-se em uma série de teorias, passou por fases e sofreu transformações assim como enfrentou mudanças políticas, sociais e outros fatores, os quais deram origem a vários métodos, alguns excêntricos, de ensino, com caráter inovador e voltados para uma nova tomada de direção no Ensino de línguas. Seguem-se exemplos de métodos e características de algumas experimentações interdisciplinares que foram bastante peculiares

Teoria Gerativo-transformacional

Essa teoria surgiu em 1957 por meio de pesquisas de Noam Chomsky, lingüista americano, que pretendia quebrar paradigmas como a análise e a classificação de estruturas da língua. Chomsky afirma que é fundamental que a teoria lingüística descubra a realidade mental subjacente ao comportamento lingüístico a fim de determinar o sistema de regras que o falante/ouvinte usa para produzir e compreender um número infinito de orações.

Os trabalhos de Chomsky foram realmente valorizados e ecoados no campo de Ensino/ Aprendizagem de Língua Inglesa a partir do final dos anos 1970, quando psicólogos inspirados por Carl Rogers começaram a perceber que o fator afetivo e as relações de natureza interpessoal possuíam um papel fundamental no ensino/aprendizagem de língua inglesa.

O Método da Leitura

Esse método, também conhecido como método instrumental, tem como objetivo desenvolver a habilidade da leitura. Trabalha-se uma série de textos em diversos contextos ou criam-se condições que propiciem a leitura, tanto dentro como fora da sala de aula. Para a compreensão do texto, necessita-se uma bagagem de vocabulário, por isso são necessários exercícios para a expansão do léxico e a compreensão de textos. A gramática é trabalhada implicitamente na compreensão da leitura, enfatizando os aspectos morfológicos e construções sintáticas mais comuns.

Os exercícios mais usados para a aprendizagem da gramática são os de transformação de frases, perguntas sobre o texto e traduções ocasionais para a língua materna. Algumas características desse método são: a) trabalha-se somente duas

habilidades (ler e escrever), sendo assim, o professor não precisa ter boa fluência oral da língua –alvo; b) ensina-se a gramática relevante e útil para a compreensão da leitura; c) não há uma obrigação na correção da pronúncia; d) a tradução da língua-alvo para a língua materna ganha lugar de destaque; e) controla-se rigorosamente o vocabulário aprendido, que será de extrema importância para compreensão dos textos; f) técnicas de leitura rápida (*skimming*) e compreensão com eficácia (*scanning*), entre outras, são ensinadas e praticadas nos textos.

Indubitavelmente, na maioria das vezes, o aluno se limita à compreensão escrita, porém, ele é muito útil para aqueles que querem compreender a língua de forma rápida e limitada, como nos vestibulares, provas de proficiência, concursos e trabalhos específicos.

Aprendizagem de Línguas em Cooperação

Esse tipo de método baseia-se em aplicações da psicologia humanista com o objetivo de integrar os alunos para formar grupos de trabalho cooperativo. As atividades são feitas com o intuito de eliminar a competitividade e criar um ambiente agradável, sem “ameaças” psicológicas. Os alunos podem aprender o idioma num ambiente cooperativo, onde o professor é visto como um facilitador que transmite segurança e auto-confiança. Trabalha-se as quatro habilidades, porém a ênfase está nas atividades mais comuns – a tradução, trabalho em grupo, gravação, transcrição, observação e conversação livre.

Resposta Física

Resultado das pesquisas em neurolinguística e pesquisas em aquisição da língua materna, esse método surge com o intuito de ensinar a língua de forma natural, pois é visto como um processamento cerebral do hemisfério direito. Defende-se que o

processo de aprendizagem da língua inglesa deve ocorrer da mesma maneira como o aluno aprendeu sua língua materna. Parte-se da premissa que a compreensão oral precede a produção oral e os alunos só falam quando se sentem prontos, da mesma forma em que uma criança passa por um período silencioso antes de falar.

Sugestopédia

Baseado em pesquisas soviéticas de percepção extra-sensorial e na ioga, é um método pouco comum, que acredita que os alunos aprendem melhor quando estão em estado de relaxamento. As atividades são feitas com uma música de fundo, geralmente de estilo barroco para que os alunos alcancem um estado de relaxamento. O responsável por um ambiente desprovido de tensão é o professor e as atividades mais comuns são visualização, escolha de nova identidade e encenações.

Método do Silêncio

Nesse método, o aluno é tratado como um ser autodidata, pois espera-se que ele aprenda por meio de descobertas. O professor não mais interfere diretamente na produção do aluno, esperando que os alunos aprendam e amadureçam sozinhos no processo da aprendizagem da língua inglesa. O Método do Silêncio enfatiza bastante a correção da pronúncia. Usam-se bastantes painéis coloridos e blocos lógicos de tamanhos e cores diferentes.

O Método Natural

O termo “Método Natural” foi cunhado pelo grande educador francês Célestin Freinet, pois, segundo ele, qualquer criança pode chegar ao domínio da linguagem escrita de maneira "natural", isto é, sem passar pelos métodos tradicionais de ensino. Para isso, as seguintes etapas foram observadas por Freinet na trajetória que sua filha

percorreu até o domínio da escrita consciente: a) *desenho sob forma de grafismo*: inicialmente sem forma, organiza-se lentamente pelo desenho. A criança vai tentando, sem que o ato tenha qualquer intenção. Aos poucos ela percebe que é alguma coisa; b) *do desenho à escrita*: nesta etapa, a criança faz seus desenhos com elementos justapostos sistematicamente em grupos homogêneos sobrepostos. Além de fazer os desenhos, ela escreve a explicação embaixo; c) *A escrita liberta-se do desenho*, primeiro simples assinatura, depois texto indiferenciado e incorporado no desenho, a seguir complemento do desenho, a escrita começa a sua história autônoma; d) *o significado das palavras*, a criança é capaz de copiar muitas palavras com segurança, rapidez e perfeição. Há agora o estabelecimento de relação entre o grafismo das palavras e a palavra oral ou o pensamento; e) *o começo da escrita consciente*: na escola, muito cedo, as crianças são treinadas a imitar letras e copiar palavras e frases que para elas têm um sentido apenas formal.

O Método Natural de Célestin Freinet, embora ligado ao ensino/ aprendizagem da língua materna pode ter sido um ponto de partida para o Método Natural, de Stephen Krashen, que, de modo semelhante, tem por objetivo desenvolver a aquisição da língua por meio de uma competência inconsciente das regras gramaticais, em vez da aprendizagem consciente da língua-alvo. A ênfase é saber a língua e não saber sobre ela, dessa forma, a fala surgirá naturalmente, sem pressão do professor.

O aluno deve receber uma dose de *input*, quantidade de absorção dos elementos da língua-alvo para ampliar sua compreensão verbal e não-verbal dessa língua estrangeira, e gerar um *output*, capacidade de utilizar esses elementos para uma comunicação eficaz.

O Ensino de Língua Inglesa na Atualidade

Os anos 1970 foram de extrema importância na revolução do ensino/aprendizagem de língua inglesa, pois diversos métodos foram renovados e amadurecidos. A Abordagem Comunicativa, com uma premissa holística a respeito dos processos de aprendizagem da língua inglesa fez com que houvesse uma grande diminuição da busca de um método ortodoxo pelos professores de idiomas e uma maior preocupação pela prioridade na comunicação sob o prisma de uma abordagem eclética, ao mesmo tempo concreta. Contudo, para alguns linguístas, essa abordagem ainda deixa a desejar, pois ainda há alguns problemas como as funções, presentes nos materiais didáticos comunicativos:

Um dos problemas, por exemplo, com materiais comunicativos é identificar o conteúdo de cada unidade, normalmente expresso através de listas de funções simultaneamente repetitivas, incompletas e sem qualquer relação entre si. A compartimentalização da língua em funções corre o risco de atomização da aprendizagem. LEFFA (1988)

Essa compartimentalização parece retomar o método cartesiano e, mesmo com todos os esforços para uma abordagem ideal, os estudos sobre ensino e aprendizagem de línguas parecem seguir um ciclo infundável da história do ensino de línguas, movimento pendular numa “constante sucessão de tese e antítese sem jamais chegar à síntese” (LEFFA, 1988).

A solução para muitos metodólogos é um ecletismo inteligente, o uso do bom senso, baseando-se na realidade de cada sala de aula, sem prender-se cegamente a uma abordagem, pois nenhuma abordagem contém toda a verdade, pois a solução pode estar no contexto.

Como visto nesse breve histórico sobre métodos para o ensino de língua inglesa, mesmo com esse universo de elementos que envolvem aprendizagem de uma língua estrangeira, ao invés de depositar toda atenção ao método utilizado, por que não levar

em conta o fator aluno, que pode aprender ou até deixar de aprender por meio da abordagem usada pelo professor?

Outros fatores, como a motivação, são extremamente importantes, pois o “estar motivado para aprender” pode ser a melhor forma de aprendizado, independentemente da metodologia a ser utilizada.

Acredita-se que para manter a motivação pela língua inglesa em estudo, o aluno precisa se engajar no processo, tem de “aprender a aprender” e ser capaz de assumir uma parte de responsabilidade por sua aprendizagem juntamente com o professor, um dos grandes responsáveis para que isso ocorra - tarefa difícil e ao mesmo tempo gratificante aos educadores de língua inglesa.

Essa motivação por aprender um outro idioma pode acontecer com uma maior facilidade na infância, pois acredita-se que a criança é capaz de aprender sem muitas barreiras. Elas participam, brincam e o fator “receio de indagar”, muitas vezes é ausente nessa fase.

2.4 Abordagens e Métodos no Ensino de Língua Inglesa

Atualmente, no Ensino Privado, diferentemente do Ensino Estadual e Municipal, ensina-se a língua inglesa desde o Ensino Infantil. Há escolas que lecionam a segunda língua, na maioria das vezes a língua inglesa, desde o maternal, logo após os jardins, prolongando-se pelos ensinos fundamental e médio.

É sabido que são fases que apresentam características diferentes e requerem diferentes metodologias no decorrer das diversas etapas – desde a infância, percorrendo a pré-adolescência até a adolescência no Ensino Médio.

Os próximos itens tratarão de métodos trabalhados em aulas de língua inglesa nas escolas de rede privada, em que atualmente usa-se o sistema apostilado; contudo, vale lembrar que o foco da pesquisa é o Ensino Fundamental I.

A Língua Inglesa no Ensino Infantil

As aulas são dadas na língua materna, geralmente trabalha-se muito mais a oralidade, pois o objetivo é motivar a criança a aprender uma segunda língua de forma prazerosa. As atividades são menos formais e o fator “tempo” é diferente de outras etapas que virão. Aqui o professor pode enfatizar a oralidade, sem pressa de acabar conteúdos maçantes das apostilas, além disso, há um pouco mais de “liberdade” nas atividades aplicadas, como as brincadeiras.

Em geral, o material didático das crianças apresenta uma série de atividades lúdicas, além de ser colorido, auxiliando o trabalho do professor na preparação de aulas mais prazerosas e atividades divertidas. A criança, muitas vezes verdadeira no que diz, comumente elogia as aulas de inglês, mas prefere as brincadeiras e as atividades do que a apostila e o caderno.

Entre essas atividades se destacam: a música, atividades lúdicas, desenhos e pinturas que facilitam a aprendizagem do léxico da língua-alvo. Nesse momento o professor pode conversar com o aluno e ensiná-lo “informalmente”, ou seja, como se estivesse fora daquela “pressão” de aprendizagem e cobrança da sala de aula.

Como acredita-se que nessa fase o sistema cognitivo da criança não está preparado para receber conceitos abstratos, como explicações da estrutura gramatical, ensina-se a língua com o objetivo de obter uma competência estrutural inconsciente – mesmo que limitada - a qual poderá facilitar a aquisição da língua inglesa.

O Ensino da Língua Inglesa no Ensino Fundamental Ciclo I

No Ensino Fundamental I, a lousa passa a ser uma ferramenta mais utilizada pelo professor, pois parte-se da premissa de que o aluno já avançou significativamente do processo de abstração e espera-se que o mesmo seja capaz de compreender a forma escrita e assimilar conceitos mais abstratos. Todavia, mesmo com um material didático mais denso em comparação ao Ensino Infantil, há uma série de atividades que podem ser trabalhadas dentro e fora da sala de aula, pois os alunos ainda são crianças e não há tanta resistência e divergências como veremos nas próximas etapas.

Geralmente o foco da aula está no material didático, ou seja, na maioria das escolas, na apostila. Diferente do Ensino Fundamental II e Médio, os anos anteriores recebem apostilas com mais gravuras coloridas e algumas dicas de atividades lúdicas para os professores aplicarem em sala de aula como: colar, pintar, desenhar, montar etc – atividades que serão detalhadas no capítulo 3.

Algumas apostilas apresentam personagens de diferentes etnias em diversas situações cotidianas, principalmente na escola, em casa ou na rua, ambientes comuns para a maioria dos alunos. As situações requerem muito vocabulário que é trabalhado no decorrer do ano, como partes e objetos de uma casa, profissões, cores, direções, números, lugares em uma cidade, meios de transporte, partes do corpo, roupas, animais, atividades, esportes, alimentação, dias da semana, meses, horas, nacionalidades etc.

Há também o corpo gramatical constituído por uma série de verbos regulares e irregulares utilizados na linguagem social do cotidiano – presente, presente contínuo, passado, futuro; adjetivos, além das preposições, condicionais, comparativos, pronomes, etc. Além de todo conteúdo linguístico, muitos materiais trazem informações sobre a cultura de diversos países.

Sabe-se que o Ensino da língua inglesa na escola é limitado, pois o número de alunos por classe é bem maior do que a média para se trabalhar as quatro habilidades (ouvir, falar, ler e escrever). Por outro lado, essa bagagem que irá ser trabalhada durante os cinco anos do Ensino Fundamental I pode auxiliar em uma melhor e mais eficaz compreensão da língua inglesa nos Ensinos Fundamental II e Médio.

A tendência é a ênfase no léxico, conseqüentemente a gramática é introduzida, porém, o que faz do Ensino Fundamental II mais uma vez muito importante no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, é o fato de trabalhar com alunos de uma faixa etária em que se motivam com maior facilidade. São alunos que geralmente apresentam menos barreiras do que os adolescentes, pois a maioria não se intimida em aprender a língua da estrangeira.

O Ensino da Língua Inglesa no Ensino Fundamental Ciclo II

A metodologia utilizada, na maioria das vezes, no Ensino Fundamental II é o inglês instrumental, ou seja, ensino da língua por meio de textos e vocabulário. A tendência do material didático dessa etapa é separar as aulas em duas frentes: gramática e compreensão de textos. Valoriza-se a apostila ou o livro, pois inicia-se uma fase em que o foco é a compreensão de textos e gramática, deixando para um outro plano a oralidade.

Eventualmente, professores se esforçam para complementar suas aulas com as duas habilidades ignoradas – *listening* e *speaking* – pelo sistema apostilado e outros materiais didáticos. Trata-se de atividades como a música, ferramenta muito comum e útil, pois motiva o adolescente, pode enriquecer o vocabulário, aprimorar a pronúncia e fluência e também filmes, se bem trabalhados, podem trazer uma série de benefícios à aprendizagem da língua inglesa, entre outros.

Para os alunos das escolas da rede privada, parte do conteúdo gramatical como: *Simple Present, Simple Past, Present Continuous, Simple Future, Pronouns, Articles*, etc, se repete, mas de uma forma mais complexa, pois parte-se da premissa que esses alunos apresentam um nível satisfatório de vocabulário e estrutura gramatical.

Uma das grandes vantagens de se ter estudado a língua no ciclo anterior é a familiarização com a língua inglesa, portanto pode-se pensar em estruturas mais aprofundadas, vocabulário mais abstrato; enfim, são diversas as vantagens quando há um contato com a língua inglesa nos ciclos anteriores.

Por outro lado, quando a língua inglesa é apresentada pela primeira vez no Ciclo II, como no caso das escolas municipais e públicas, haverá a necessidade de retomar noções extremamente básicas e, comparando-as com as escolas que iniciaram o estudo da língua inglesa nos ciclos anteriores, poderá carregar um déficit estrutural significativo que poderá estender-se até o Ensino Médio.

O Ensino da Língua Inglesa no Ensino Médio

A preocupação dos alunos e a cobrança das escolas particulares em relação a bons resultados nos vestibulares podem comprometer a qualidade do ensino da língua inglesa. No Ensino Médio enfatiza-se exaustivamente a estrutura da língua inglesa, como “decorar” verbos, regras gramaticais, utilizar técnicas de compreensão de texto e executar testes dos mais concorridos vestibulares.

No caso do sistema apostilado, há revisões e uma grande quantidade de exercícios estruturais e a compreensão de textos para serem resolvidos em casa e em sala de aula. O material didático segue o formato do vestibular – inúmeros exercícios que devem ser feitos de forma ágil e com eficácia.

O contato humano é bem menor, devido ao ambiente de classes mais numerosas – como no caso de várias escolas com professores que utilizam microfones e palcos para serem ouvidos e visualizados.

Difícilmente trabalha-se a oralidade, porém há raros momentos em que se pode trabalhar filmes, músicas e games, mas “sair” do material didático pode não ser bem visto pelos pais, pois o “importante” é terminar o conteúdo da apostila, como se a língua fosse um pacote com começo, meio e fim. Sabe-se que a objeção a não seguir assiduamente a apostila é muito comum entre os pais dos alunos, um assunto significativo que, contudo, não é o objetivo desta pesquisa.

Mesmo com raras atividades que podem ser aplicadas para diversificarem as aulas de língua inglesa e trabalhar as habilidades de *listening* e *speaking* (ouvir e falar), prevalece a abordagem tradicional, com ênfase nas duas habilidades *reading* e *writing* (ler e escrever)

Indubitavelmente há diferenças na forma de se ensinar a língua inglesa nas diversas etapas do ensino formal, porém, no Ensino Médio, a língua inglesa é geralmente tratada como um instrumento, não se aprecia com frequência as sutilezas dela, diminuem-se a curiosidade e o conhecimento de outras culturas por meio da língua e o prazer pelo novo léxico: A beleza da palavra, toda sua história e riqueza, se perderão no exagero de informações e na cobrança diária de bons resultados no vestibular para preparar-se para o mercado de trabalho.

O Ensino da Língua Inglesa nos Cursos de Idiomas

O número de escolas de idiomas cresce cada vez mais nas grandes cidades, pois a língua inglesa é muito cobrada no mercado de trabalho, dessa forma, os cursos de idiomas são moldados nessa filosofia: preparar o cliente para o mercado de trabalho. A

língua é tratada como um produto que é vendido como níveis básico, intermediário e avançado e suas respectivas cargas horárias.

Nesses cursos, ensinam-se as quatro habilidades. Na maioria das escolas, as aulas são realizadas somente no idioma da língua-alvo e o número de alunos é bem menor que nas escolas – uma média de dez alunos por turma. Os alunos são avaliados para saberem em que nível (básico, intermediário ou avançado) deverão iniciar o curso, em que os alunos terão que cumprir uma carga horária e executarem avaliações para passarem para outros níveis.

Ainda há muitos cursos que valorizam métodos behavioristas, estruturalistas, com ênfase na gramática, cursos visuais, audiovisuais, afora muitas escolas franqueadas que enxergam alunos como números. Todavia aparecem escolas com uma boa fundamentação em estudos lingüísticos e uma maior preocupação ou respeito ao indivíduo; trata-se daquelas escolas que têm uma abordagem voltada à comunicação. Trabalha-se um material didático que engloba a leitura e a compreensão de textos, a conversação e a compreensão auditiva e um livro de tarefas.

O material pode ser infantil, básico, intermediário e avançado. Contudo independentemente da abordagem trabalhada, os cursos de idiomas ainda são mais eficazes que as escolas, pois o número de alunos por classe é bem menor e são trabalhadas as quatro habilidades, independentemente da abordagem utilizada.

Capítulo 3 LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL CICLO I.

*Brincar com criança não é perder tempo, é
ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola,
mais triste ainda é vê-los, sentados
enfileirados, em salas sem ar, com exercícios
estéreis, sem valor para a formação do homem.*

Drummond

3.1 O perfil da escola particular e as aulas de Língua Inglesa

Antes de relatar as experiências durante esta pesquisa participante é importante contextualizar onde, quem e como ocorreram as práticas para uma melhor análise das atividades dentro e fora da sala de aula.

O Espaço

A fim de atrair alunos, um grande número de escolas particulares investe em imponentes edifícios, com salas de aulas, bibliotecas e laboratórios equipados com tecnologia de ponta. Essa infraestrutura é utilizada como um diferencial competitivo pelo marketing institucional com o objetivo de captar mais alunos. No tocante à infraestrutura de tecnologia, o que está disponível varia bastante de uma para outra instituição.

A tecnologia se destaca dentre várias estratégias para capacitação de alunos, por exemplo: bibliotecas com computadores disponíveis, lousas inteligentes e interativas

que promovem acesso à Internet, laboratórios equipados com multimídia, redes de internet sem fio (*wireless*), ar condicionado, auditórios, entre outros.

Algumas escolas oferecem salas ambiente para aulas de língua inglesa, geralmente com TV, aparelho de DVD, armários etc. Mesmo com todo o conforto e tecnologia, as aulas são de inglês instrumental, ou seja, o enfoque será somente na leitura e escrita, com pouca ênfase na compreensão auditiva e conversação. Não há como trabalhar as quatro habilidades devido ao número de alunos por classe e o sistema apostilado, que segue o que será pedido no vestibular – gramática e compreensão de textos – o que dificulta inserir atividades que vão além da estrutura da língua.

Com todo o investimento tecnológico da rede privada, ainda nota-se uma arquitetura transmissional e ultrapassada, como carteiras enfileiradas, aulas expositivas descontextualizadas e cansativas. Indubitavelmente, não basta modernizar espaços físicos e dotá-los de tecnologia de ponta, é necessário investir na capacitação do corpo docente e redesenhar o currículo e os cursos.

O material didático

Outra ferramenta que o professor utiliza na sala de aula, além do giz e da lousa, é o livro didático, porém no contexto desta pesquisa, o material abordado é a apostila. A tendência das escolas da rede privada é a adoção do sistema apostilado, pois, para muitos, esse material é visto como um símbolo de eficiência e modernização, passando um conhecimento de maneira organizada, prática e racional, tendo como um único objetivo a aprovação no vestibular.

O sistema apostilado começou a aparecer na década de 1950, com a alegação de ser mais prático, dinâmico e, principalmente, mais coerente com a nova “realidade” da

educação brasileira. Atualmente esta idéia não mudou e o sistema apostilado substituiu quase que totalmente o livro didático, principalmente dentro da rede privada de ensino.

A força da mídia envolve esse tipo de material pedagógico apresentando slogans com palavras-chave, repetições, promovendo o sucesso desse modelo para que o aluno alcance o seu lugar no mercado de trabalho. A alienação ao material didático é tamanha que professores sofrem pressões para terminarem o conteúdo em tempo, ou seja, o foco é o resultado e não o processo. Contudo, se o professor seguir esse sistema de uma forma massificadora, sem respeitar a individualidade, ele certamente acabará com o ser reflexivo e transformador.

O discurso de um mundo e de mercado globalizado atinge até mesmo os objetivos educacionais do Ensino Fundamental I, pois cada vez mais enfoca-se a quantidade e o resultado e não a qualidade e o processo. Esse discurso nos coloca em uma posição de uma sociedade que muda velozmente e que o indivíduo precisa estar adaptado a estas mudanças. Note-se que o importante, agora, é responder às necessidades do mercado que exige profissionais dinâmicos, criativos, capazes de se adaptar rapidamente às novas situações, informados e informatizados. Para tanto, a escola priorizou a aquisição de um grande número de informações, porém, agora, com critérios de utilidade, facilidade e rapidez.

As apostilas de língua inglesa do Ensino Fundamental I são geralmente bem coloridas, com algumas atividades como colagens e pinturas. Abordam alguns dos feriados mais comemorados nos Estados Unidos, além do conteúdo gramatical, que correspondem em geral os tempos verbais *Simple Present*, *Present Continuous*, *Simple Future* e *Simple Past* e o léxico da linguagem social que pode variar muito: substantivos, como partes da casa, comércio, animais, cores, numerais, horas, estações do ano, um grande número de adjetivos etc. Enfim, o conteúdo é vasto, porém, mesmo

com algumas atividades lúdicas, as unidades enfatizam a estrutura gramatical e oferecem uma série de exercícios – às vezes cansativos – para serem resolvidos.

Sabe-se que o enfoque das apostilas é o inglês instrumental, isto é, as duas habilidades: ler e escrever, mas nada impede que o professor possa trabalhar as habilidades orais – compreensão auditiva e conversação, contudo, isso requer mais trabalho, pois o número de alunos nem sempre é menor que vinte.

Entretanto, parece muito cômodo seguir piamente a apostila ou qualquer outro material didático que já está pronto e poderá ser aplicado da mesma forma em qualquer turma.

Vale a pena lembrar que, independentemente do material aplicado, outros fatores como de que forma e para quem ensinar são também extremamente importantes. O professor deve criar ambientes que promovam uma aprendizagem ativa, colaborativa e que auxiliem no desenvolvimento crítico para construção de conhecimento.

O aluno

Com exceção de alguns alunos bolsistas, a grande maioria pertence às classes média e alta. Alunos que têm acesso integral à tecnologia, com celulares e aparelhos pessoais de última geração. Esses alunos estão inseridos em um discurso em que a escola que estão estudando oferece qualidade, portanto há uma certa obrigatoriedade em entrar nas melhores faculdades.

É muito triste ouvir que alunos da rede privada são clientes, criando uma certa confusão de valores, pois dizem que o cliente sempre tem razão, dessa forma, muitos professores se sentem de mãos atadas, precisando sempre agradar o aluno em todos os aspectos para não perdê-lo.

Para cumprir a exigência do mercado, o ensino se torna mais quantitativo e isso acarreta em uma série de avaliações por disciplina durante o ano letivo. O aluno também sofre a pressão de ter que cumprir as exigências do sistema apostilado.

Uma grande parte das crianças do Ensino Fundamental I das escolas particulares está em contato diário com a língua inglesa, porém de uma forma informal, pois possuem TV a cabo, internet, jogos etc. Outros, até iniciaram cursos de inglês ou até outra língua em escolas de idiomas ou já tiveram contato nas séries anteriores e alguns também tiveram experiência de morar no país da língua estrangeira. Portanto, a língua inglesa no Ensino Fundamental I não é surpresa para muitos desses alunos.

O professor

O diferencial do corpo docente da escola particular é a formação, pois a tendência é a especialização das disciplinas que esses professores lecionam. Não é um professor de português que, por falta de vaga, leciona inglês, por exemplo, mas o profissional que, a princípio deve dominar a língua a ser ensinada. No caso da língua inglesa, o professor é cobrado constantemente pelos próprios alunos. Este deve conhecer e, se possível, dominar as quatro habilidades para entrar nessas instituições.

É muito atraente trabalhar em uma instituição que oferece tecnologia de ponta e conforto, mas a cobrança certamente é muito maior, pois esse deve apresentar bons resultados em avaliações e principalmente para os vestibulares.

Os pais

A escola que desponta como um grande sucesso empresarial ao longo da última década tem que se preocupar em atender pais cada vez mais exigentes e que cada vez necessitam mais do apoio da escola na educação dos filhos. Lidar com pais que

trabalham fora não é nenhuma novidade no universo educacional, mas novos fatores modificaram as necessidades deles que exigem mais das escolas, esperam que a instituição possa também auxiliá-los na formação moral dos filhos e também protegê-los da violência das ruas.

O perfil dos pais de alunos de escolas particulares hoje em dia também se tornou mais exigente no que se refere à qualidade do ensino, pois estão seriamente preocupados com a competição que os filhos enfrentarão por uma boa vaga nas universidades e também depois no mercado de trabalho. Com uma maior facilidade de acesso a informações sobre projetos pedagógicos, os pais até se preocupam em dar aos filhos uma educação ampla e humanística, mas não abrem mão de bons resultados no vestibular.

3.2 A criança e o saber oculto

No que se trata ao Ensino Formal, a criança do Ensino Fundamental I pode apresentar uma série de características que auxiliam significativamente na aprendizagem da língua inglesa. São características como a imaginação, participação, repetição, a brincadeira etc.

Um dos piores obstáculos de se aprender uma segunda língua é a falta de motivação ou de autoconfiança – características dos filtros afetivos estudados por Krashen (1982, p. 30). Todavia, no contexto do Ensino Formal de língua inglesa do Ensino Fundamental I, a maioria das crianças participa sem medo, pelo contrário, muitas gostam de fazer as atividades, principalmente as brincadeiras que ultrapassam a característica cotidiana do Ensino Formal.

Nos estudos de Benjamin, a criança se destaca especialmente quando ele ressalta o modo como ela constrói seu universo particular, dando outra significação ao cotidiano.

Quando a criança se apropria da linguagem, revelando seu potencial expressivo e criativo, ela rompe com as formas fossilizadas e cristalizadas de seu uso cotidiano, iniciando um diálogo mais profundo entre os limites do conhecimento e da verdade na compreensão do real. (SOUZA, 1994, p.159)

Para a criança não existe limites no brincar, pois a imaginação supera facilmente o que um adulto poderia enxergar como um obstáculo difícil de ser superado. Ela, por meio da mimese, imita o real, sendo verdadeiramente aquilo que sua imaginação deseja.

Nas aulas de língua inglesa há uma grande possibilidade de trabalhar atividades lúdicas e brincadeiras que serão bem vindas em sua grande maioria, pois as crianças necessitam de atividades que mexam com suas imaginações, motivando-as cada vez mais em prol da aprendizagem da língua.

A faculdade mimética, segundo Benjamin, é tão importante para a criança, pois, quando ela brinca, “[...] não só a fazer de comerciante ou de professor, mas também de moinho de vento ou um comboio” (1992, p. 59), reorganiza o brincar no imaginário sem perder a utilidade real do objeto. Assim as cadeiras que ora são um trem, logo a seguir voltam a ser cadeiras.

Essa imaginação fértil é evidente e natural na infância, mas com o passar do tempo tem que ser estimulada, como durante o Ensino Fundamental I, pois o ser humano perde gradativamente a motivação de entrar no mundo da imaginação.

A motivação é uma das mais importantes dentre as variáveis afetivas, pois ela pode ser a chave para a aprendizagem. Brown (1997) a encara, de uma maneira geral, como um impulso, uma emoção ou um desejo interno que direciona uma pessoa para uma determinada ação e, portanto, se percebemos um objetivo, e se este é

suficientemente atraente, ficaremos fortemente motivados a fazer o que for necessário para alcançá-lo.

Partindo da premissa de que a repetição é uma característica evidente nas crianças, pode-se pensar na importância desse fato no contexto das aulas de língua inglesa, pois a repetição não deixa de ser uma forma de insumo linguístico, uma das cinco hipóteses da teoria de Krashen (1982, p.20) sobre a aquisição de língua estrangeira.

Quanto mais insumo linguístico, mais a criança se familiarizará com a língua estrangeira, pois, quando a criança repete uma atividade como uma música em inglês, um filme, um texto etc., ela, inconscientemente, trabalha com a estrutura gramatical, vocabulário, pronúncia etc.

Uma das formas para motivar alunos do Ensino Fundamental I durante as aulas são as atividades lúdicas e brincadeiras que poderão ser aplicadas pelo professor. O brincar é uma das origens do gestual cotidiano, assunto que Benjamin (1984) menciona em suas reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. Benjamin analisa o ato de brincar e características como a repetição, pois a criança parece gostar de saborear novamente a vitória da aquisição de um saber fazer.

Alguns estudos apontavam que a brincadeira era uma atividade improdutiva, por não apresentar resultados objetivos e, em muitas ocasiões, favorecer a reprodução de atitudes indesejáveis aos espaços escolares, classificados como sérios, em que a atenção e a dedicação não poderiam conviver com as atitudes e expressões decorrentes das atividades lúdicas. (KISHIMOTO, 1998).

Quando observamos o manancial de elementos conceituais e procedimentais presentes na estrutura das atividades lúdicas, artísticas e de movimento e expressão,

descortinam-se possibilidades de trabalho educativo, inclusive para os conteúdos do ensino formal.

Grande parte das brincadeiras e atividades lúdicas é praticada fora da escola, em contexto informal, longe do professor, porém, com a modernização de metrópoles e com a falta de segurança pública presente em muitos lugares, essas atividades se encontram cada vez mais reduzidas.

Surge uma oportunidade de validarmos as expressões culturais como conteúdo fundamental para a formação do sujeito histórico crítico e, ainda, de se discutir o papel e a função da escola, como um espaço público de prática do conhecimento e como um lugar promotor de encontro entre o indivíduo e a sua identidade cultural.

O encontro da criança consigo mesma se faz por meio do brincar. É o lúdico que possibilita a elaboração de suas vivências e sentimentos cotidianos. A compreensão dos acontecimentos que lhe dizem respeito se torna possível pelo reviver que o seu brincar produz, expressando o que ela ainda não é capaz de formular pela linguagem e encontrando alternativas para solucionar impasses da realidade.

O brincar pode se tornar um espaço privilegiado para o desenvolvimento humano, no qual ocorrem as trocas essenciais à construção da subjetividade e à transmissão dos valores éticos e culturais.

A repetição é um elemento verdadeiramente comum entre as crianças, pois Benjamin (1984, p.75) afirma que “a essência do brincar não é um fazer *como se*, mas um *fazer sempre de novo*”. Para as crianças, duas vezes somente não basta, mas sim sempre de novo, centenas e milhares de vezes.

O que se percebe muitas vezes, é que a oposição entre o brincar e o estudar se faz presente entre alguns profissionais. O brincar associado à não produção ocupa um lugar desvalorizado na escola, muito atrelada ainda a uma lógica de mercado, no qual o

tempo está associado à produção. A concepção de escolarização como algo sério, formal, disciplinador, não deixa espaço para algo livre, inesperado e transformador.

A brincadeira tem seu papel na socialização das crianças quando permite que ela se aproprie dos códigos culturais da sua sociedade.

Segundo Brougère (1995, p. 61) “o círculo humano e o ambiente formado pelos objetos contribuem para a socialização da criança e isso através das múltiplas interações, dentre as quais algumas tomam a forma de brincadeira”. Ao brincar, a criança confronta-se com a cultura, apropriando-se dela e transformando-a. Portanto, discordando da ideia da brincadeira como uma atividade natural defendida por algumas concepções, é preciso compreendê-la como algo cultural e que se aprende socialmente.

Para iniciar uma brincadeira, precisa haver um ambiente favorável, tempo, espaço e envolvimento daqueles que são responsáveis pela educação das crianças. É importante destacar, porém, o papel de sujeito das crianças, agindo criativamente, sendo capazes de elaborar a partir das situações que o contexto possa lhe proporcionar.

O papel do adulto e das instituições escolares se faz presente no sentido de dar um maior significado e espaço para que a brincadeira possa acontecer. A brincadeira tem uma linguagem própria, uma característica que é capaz de vencer barreiras, dificuldades, no momento em que participamos dela. Torna-se, então um espaço de flexibilidade, inovação e criação.

Dentro das aulas de língua inglesa, ou outras disciplinas também, podem ser inseridas brincadeiras que poderão facilitar a aprendizagem, pois mesmo sem a intenção educativa de aprender, quem brinca aprende. Aprende-se também a brincar. O brincar não deve ser considerado uma atividade legitimamente escolar. Nem sempre a brincadeira tem o compromisso com a aprendizagem, porém o valor do aprender brincando não é negado. No brincar é possibilitado à criança fazer relações, viver

experiências, construir sua subjetividade, imaginar, experimentar as mais diversas emoções, administrar conflitos, interagir e desenvolver-se.

Não se pode contentar com os conteúdos mecanicistas e pré-determinados do sistema apostilado, deve-se ir além, pois as atividades lúdicas, como jogos e brincadeiras dirigidas pelo educador, não agregam somente em nível linguístico, mas também são consideradas atividades sociais e culturais que auxiliam as relações interpessoais. Com criatividade e dedicação, o professor transformará uma aula descontextualizada e sem vida em uma atividade lúdica e divertida para o aluno.

3.3 Relatos de experiências

Como se trata de uma pesquisa participante, em que o professor das classes de 5^{os} anos é o próprio autor desta pesquisa, peço licença para poder utilizar a primeira pessoa do singular.

Músicas

Em uma das atividades, os alunos se dividiram em grupos e tiveram que completar músicas em inglês na lousa. O material utilizado foi o EVA, abreviação das palavras *Espuma Vinílica Acetinada*, sigla escolhida para coincidir com o nome técnico de sua matéria-prima: *Ethylene Vinyl Acetate*. É um material termoplástico, uma espuma sintética de custo acessível muito usada para produtos infantis e material escolar. Cada aluno recebeu palavras em EVA com velcro para que as mesmas fossem aderidas na música, que também estava em EVA. As palavras que os alunos tinham que completar eram substantivos, verbos, adjetivos e advérbios os quais os alunos ouviam em CD durante a música. As palavras novas e a gramática eram explicadas durante e após as atividades.

Outra música trabalhada foi *Hello, Goodbye* dos *Beatles*, a qual os alunos tiveram que criar mímicas para as palavras que apareciam na canção, como “*hi, hello, goodbye, high, low etc.*”. As carteiras foram removidas e os alunos ficaram no centro da sala para cantarem e dançarem. Todos participaram, sem exceção. Nesse momento percebeu-se o trabalho em grupo e a diversão que tomou conta do ambiente da sala de aula.

Após as atividades, os alunos voltaram as carteiras em seus respectivos lugares e fizeram a unidade da apostila em que aparecem palavras que eles haviam vistos nas músicas em sala de aula. A maioria dos alunos pediu diversas vezes durante o ano letivo para que repetisse a música, comprovando mais uma vez que o fator repetição o qual Benjamin (1984, p.75) se refere ainda é evidente durante o Ensino Fundamental I.

Esse tipo de atividade teve como objetivo, além de trabalhar a compreensão auditiva (o que raramente existe no sistema apostilado) e gramatical, melhorar as relações interpessoais.

História (cantinho das histórias)

A escola oferece uma sala ambiente muito espaçosa e confortável, porém o formato é o mesmo: várias carteiras enfileiradas em frente ao quadro negro. No fundo da classe há uma sala pequena que não tem utilidade, vazia, sem vida, não se pode pregar ou colar nas paredes, pois tudo é novo, é uma pena, pois o aluno se sente importante, realizado, ao ver seu trabalho exposto.

No começo do ano (2009) os alunos me perguntaram o que era aquela sala, eu, pego de surpresa, disse que seria um cantinho da história, onde os alunos pudessem soltar a imaginação. Eu não sabia que iria ser tão cobrado por causa disso, pois os alunos sempre pediam para contar histórias. Tive que preparar diversas histórias e

figuras ou livros para inserir o léxico da língua inglesa, paralelamente com o conteúdo da apostila. As histórias foram contadas em português, mas o vocabulário-alvo da língua estrangeira era falado somente em inglês, como animais, cores, números etc.

Mesmo sendo crianças do 5º ano do Ensino Fundamental I, percebi a necessidade que eles tinham de viajar no imaginário e muitas vezes batiam palmas no final das histórias. Mais uma vez fiquei surpreso e notei que podemos aprender muito com as crianças.

Por meio das histórias podemos enriquecer as experiências, desenvolvendo diversas formas de linguagem, ampliando o vocabulário, no caso das aulas de inglês, o léxico da língua estrangeira, além de agregar valores. Além disso, as histórias estimulam o desenvolvimento de funções cognitivas importantes para o pensamento, tais como a comparação (entre as figuras e o texto narrado), o pensamento hipotético, o raciocínio lógico, pensamento divergente ou convergente, as relações espaciais e temporais. Os enredos geralmente são organizados de forma que um conteúdo moral possa ser inferido nas ações dos personagens e isso colabora para a construção da ética e da cidadania em nossas crianças.

O conteúdo mítico, as ações praticadas pelos personagens e os valores morais implícitos na narrativa permitem projeções que facilitam a elaboração de questões emocionais, muitas vezes expressas como sintomas que se apresentam na aprendizagem. A compreensão dos enredos, a análise dos conteúdos, a estrutura lingüística subjacente ao texto, podem auxiliar na investigação de questões cognitivas presentes nas dificuldades do processo de aprendizagem. Aquela sala fria, sem vida, se tornou um ambiente de espaço para a alegria e o prazer de ler, compreender, interpretar a si próprio e a realidade.

Teatro (*Halloween*)

As peças de teatro em inglês foram atividades em que todos os alunos participaram. O tema foi o Halloween, pois estávamos em outubro, mês em que se celebra este feriado nos Estados Unidos, Canadá e Europa. Tentei trabalhar a atividade da maior forma democrática possível, pois as roupas, personagens e a própria peça foram escolhidas pelos alunos. Deixei bem claro que aqueles que não podiam participar por causa da religião, tinham a opção de serem os ajudantes de palco.

O maior problema é o fator tempo, pois não podíamos perder o andamento da aula, uma vez que tínhamos prazo para completar o conteúdo da apostila. Todavia, a empolgação dos alunos foi tanta que se propuseram ensaiar em suas casas. O melhor de tudo é que a peça era em inglês e eles treinavam a pronúncia, vocabulário, estrutura linguística fora da sala de aula.

Trabalhar com o teatro na sala de aula, não apenas fazer os alunos assistirem as peças, mas representá-las, inclui uma série de vantagens obtidas: o aluno aprende a improvisar, desenvolve a oralidade, a expressão corporal, a imitação de voz, desenvolve as relações interpessoais, trabalha o lado emocional e a interdisciplinaridade. Além disso, também percebi diversas habilidades que pareciam estar adormecidas dentro de alguns alunos e que provavelmente foram estimuladas pela imaginação.

A oportunidade de escrever uma peça, transformá-la ou atuar nela, a construção de cenários e figurinos, é a essência do teatro, a qual tivemos o prazer de entrelaçar nos objetivos propostos pelo conteúdo nas aulas de inglês, pois além da prática da língua escrita, a pronúncia, léxico etc., houve a familiarização com a cultura do país de língua inglesa.



Figura 1: ensaio para a peça *Halloween*
10-2010

Fonte: arquivo do autor



Figura 2: apresentação da peça *Halloween*
10-2010

Fonte: arquivo do autor



Figura 3: dança das bruxas na peça *Halloween*
10-2010

Fonte: arquivo do autor

Receitas (tortas de *Thanksgiving* e sucos)

Para aproveitar o conteúdo da apostila dos 4ºs anos, o qual falava sobre o mês de novembro, em que se comemora o Dia de Ação de Graças (*Thanksgiving*) nos Estados Unidos, vimos um vídeo sobre a origem do feriado. Na aula seguinte fizemos a tradução de duas receitas: torta de peru e de milho, alimentos típicos desse feriado nacional e logo após fomos ao ateliê culinário da escola onde em grupos e com a ajuda do professor, as crianças fizeram as tortas.

Durante a aula e as atividades falamos muito sobre a questão cultural e, juntamente com as atividades lúdicas, as crianças tiveram a oportunidade de experimentar o que somente havia na apostila, além da interdisciplinaridade, uma vez que tivemos que fazer divisões e reforçar o que eles estavam aprendendo em matemática – frações.



Figura 4: Alunos no Ateliê Culinário, preparando receita de torta de *Thanksgiving* 10-2010

Fonte: arquivo do autor



Figura 5: Alunos no Ateliê Culinário, preparando receita de torta de *Thanksgiving* 10-2010

Fonte: arquivo do autor



Figura 6: Professores Wellington e Roselei – resultado das tortas
10-2010

Fonte: arquivo do autor

Outra oportunidade de ir ao ateliê foi quando os alunos tiveram que aprender os nomes das frutas em inglês e ao mesmo tempo viram sobre os alimentos reguladores e construtores nas aulas de ciências. Os alunos trouxeram de casa diversas frutas e leite e, em grupos, fizeram diferentes vitaminas. Durante a atividade eles tinham que explicar para a professora sobre os alimentos e realizarem a tradução das receitas das vitaminas.



Figura 7: Alunos se preparando para as traduções das receitas
10-2010

Fonte: arquivo do autor



Figura 8: alunos descascando as frutas para as vitaminas
10-2010

Fonte: arquivo do autor



Figura 9: alunos batendo as vitaminas
10-2010

Fonte: arquivo do autor

Reforçamos a ideia da importância do hábito de higiene na manipulação dos alimentos e, mais uma vez, trabalhamos com a organização e relações interpessoais. As atividades foram muito reconhecidas pelos alunos e pela direção, que viraram matéria no site da escola (anexo).

Outras atividades e brincadeiras

As aulas dos 5^{os} anos foram incrementadas com muitas brincadeiras, a motivação dos alunos foi tanta que no intervalo ouvi de alguns alunos a seguinte frase: “O que vai ter para aula que vem?” ou “professor, vamos fazer aquela brincadeira de novo?”, entre outras frases que comprovam a grande carência que a criança tem de entrar no mundo da imaginação. Algumas das atividades foram:

a) **Tato**: as crianças foram divididas em grupos e, de olhos vendados, tiveram que adivinhar o objeto que tocavam dentro de uma caixa. Uma brincadeira, também mediada pelo professor, motivou os alunos a aprenderem o léxico, pois objetos escolhidos para a brincadeira eram os mesmos que os alunos estudariam no material apostilado. Outra vez, a brincadeira, auxiliou a prática pedagógica.

b) **Mímica**: os alunos se dividiram entre meninas e meninos, os mesmos jogavam um dado para saberem quem começava primeiro. O primeiro escolhe uma carta (também em EVA) e tem que fazer a mímica para os seus parceiros adivinharem e falarem a palavra em inglês.



Figura 10: Grupo das meninas – brincadeira da mímica
10-2010

Fonte: arquivo do autor



Figura 11: Grupo dos meninos – brincadeira da mímica
10-2010

Fonte: arquivo do autor

c) **Jogo da memória:** os alunos confeccionam seus próprios jogos com papel cartão, desenhando objetos, animais, partes da casa etc. que apareceram nas unidades da apostila e, em outro cartão, escrevem a palavra em inglês referente ao desenho.

d) **Entrevistas:** para praticarem os pronomes interrogativos (*who, where, when, what, which, whose, how, why, how often, etc.*), os alunos fizeram um *Talk Show*, ou seja, programa de entrevistas. As perguntas foram elaboradas pelos próprios alunos e esses entrevistavam pessoas “do mundo da mídia” – que eram seus próprios colegas de classe. A atividade envolveu todas as habilidades linguísticas, pois além da estrutura, o aluno teve que praticar a pronúncia e a compreensão das perguntas.

e) **Competição de leitura:** mesmo que não haja um prêmio concreto para os participantes, as crianças gostam de competir, principalmente quando os grupos forem formados por gênero. Depois da prática da leitura e compreensão dos textos da apostila de inglês, os alunos fazem o papel dos personagens na frente da classe. Voluntários não faltam para essa prática, que tem como objetivo a compreensão do léxico, pronúncia, entre outros.

e) **Tiras cômicas:** o material apostilado oferece algumas tiras cômicas para compreensão de texto, ou seja, os alunos têm que ler e responder as perguntas sobre as histórias. Ainda que a aula seja diferente, interessante para os alunos, a ideia já estava formada. Percebi que os alunos se interessaram mais ainda pelas tiras cômicas uma vez

que pedi para que eles fizessem uma história e o desenho das tiras em cartolinas para apresentarem para os colegas de classe. Não deixamos de trabalhar com o conteúdo da apostila, pelo contrário, reforçamos de uma forma construtiva o que os alunos aprenderam.

f) **Cantigas:** hoje em dia muitas crianças trocaram a bicicleta, a bola, a boneca pela TV e a internet e recebem uma avalanche de informações que muitas vezes não são saudáveis. As crianças baixam novas músicas a qualquer momento ou as assistem diretamente da TV a cabo. As cantigas tradicionais, que retratam a cultura do país, estão sendo cada vez mais esquecidas. Porém, podem ser resgatadas em sala de aula, mesmo que alguns alunos apresentem alguma resistência a princípio.

g) **Filme:** essa foi uma atividade esperada pela grande maioria, mas os alunos não assistiram a um filme em inglês somente, também fizeram a prova que envolvia conhecimento do léxico, gramática e principalmente compreensão de texto. O filme assistido foi “*Hairspray*” um musical engraçado e ao mesmo tempo muito sério, pois retrata a questão da segregação racial. Pudemos traçar um paralelo ao tema Tolerância e alguns valores como Responsabilidade, Honestidade, Alegria, Humildade e Respeito. Os alunos tiveram a oportunidade de conhecerem o conceito de um tipo de intolerância muito comum nas escolas - *bullying*, assunto muito discutido atualmente.



Figura 12: atividade de filme – alunos concentrados
10-2010

Fonte: arquivo do autor

Percebe-se que muitos alunos se divertiram e aprenderam com as atividades descritas. Pudemos nos aproximar com mais facilidade do mundo real e discutirmos sobre problemas dentro e fora da escola para compreender o conceito de tolerância e praticá-lo também. Todo o trabalho foi feito com muito carinho e espero que seja válido para os alunos e também para nós educadores.

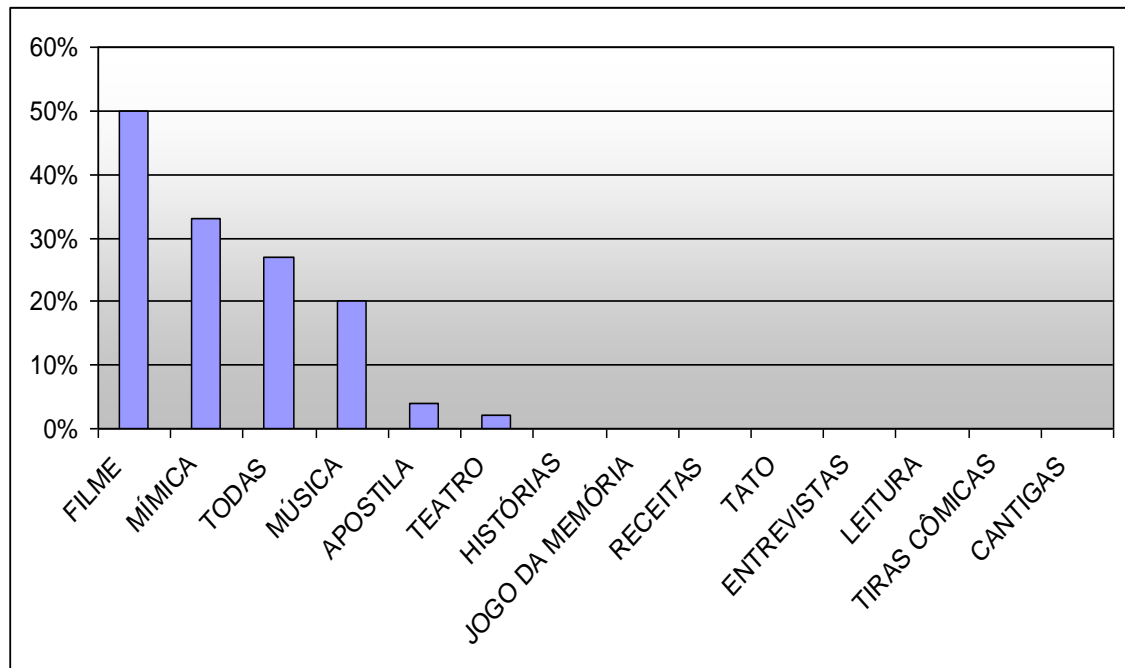
3.4 As diversas vozes

Foi aplicado um questionário para duas classes dos 5^{os} anos do Ensino Fundamental durante o ano letivo. As perguntas foram respondidas no dia 13 de outubro de 2009 em sala de aula. O professor escreveu na lousa as atividades que foram aplicadas e deixou claro que se alguém não gostasse de alguma atividade estaria livre para criticar. As perguntas foram:

- 1) Das atividades aplicadas durante o ano, de qual (ou quais) você mais gostou? Por quê?
- 2) Há alguma atividade que você fez e não se esqueceu? Qual? Por quê?
- 3) Há alguma atividade que você gosta de repetir? Qual? Por quê?
- 4) Você incluiria mais uma atividade diferente nas aulas de inglês? Explique.
- 5) Há alguma atividade na aula de inglês de que você não gosta? Por quê?

As cinco perguntas do questionário foram respondidas por quarenta e oito alunos. Os gráficos servirão para uma visualização rápida das respostas.

Contudo, as mesmas serão mais compreendidas por meio dos anexos, pois a diversidade dessas respostas inseridas no contexto é capaz de revelar-nos diferentes sugestões de uma riqueza sutil no discurso das crianças.

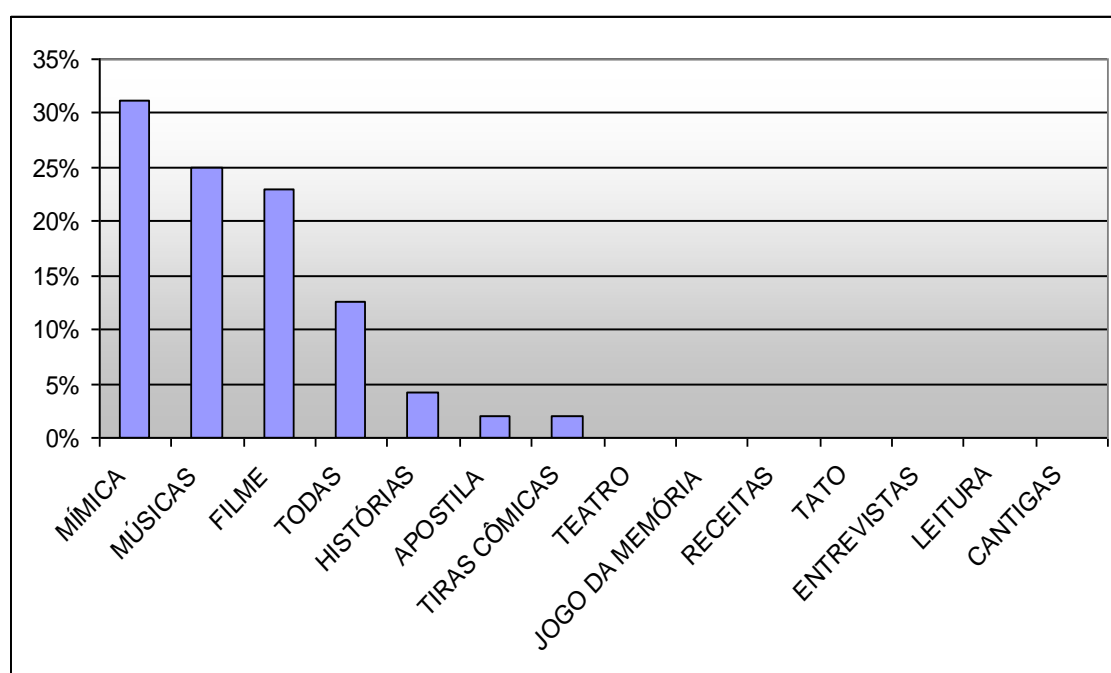
Gráfico 1: Atividades mais apreciadas pelos alunos nas aulas de língua inglesa

É importante salientar que 27% das crianças gostaram de todas as atividades, mesmo que a maioria tenha preferido enfatizar algumas, neste caso, o filme, mímica e músicas. Como relatado, o filme é uma atividade muito querida pelos alunos, no entanto, deve-se ter cautela na escolha, pois é necessário que haja um aproveitamento em termos de conteúdo linguístico e ao mesmo tempo acrescente valores aos alunos.

Os filmes (cerca de três por ano) foram seguidos de uma avaliação em inglês em que o aluno teria que responder as perguntas sobre o enredo e ao mesmo tempo conhecer o vocabulário e o respectivo conteúdo gramatical do bimestre. Não houve reclamação em passar um filme que muitos haviam visto, já que a maioria dos alunos da rede privada de ensino pode assistir ao filme no cinema ou em casa antes de vê-lo em classe. Na verdade, é a característica da repetição que, outra vez, auxiliará no ensino/aprendizagem da língua inglesa. Alguns dos comentários (em anexo) demonstram o interesse e satisfação das crianças pelas atividades: “Eu gostei da mímica Porque eu gosto muito e é divertido e você usa a sua inteligência”; “Eu AMEI os filmes. Porque

todos tinham uma lição de vida.”; “Gostei dos filmes pois ensinaram muito, aprendi sobre indiferença que não devemos julgar as pessoas”; “Das músicas, mímicas, trabalhos, filmes. Porque a gente se solta, da risadas, brinca e faz de tudo”; “Eu gostei do filme porque a gente assistia e fazia a prova. Eu gostei da brincadeira da mímica porque a gente aprendia e se divertia”.

Gráfico 2: Atividades que foram mais lembradas pelos alunos



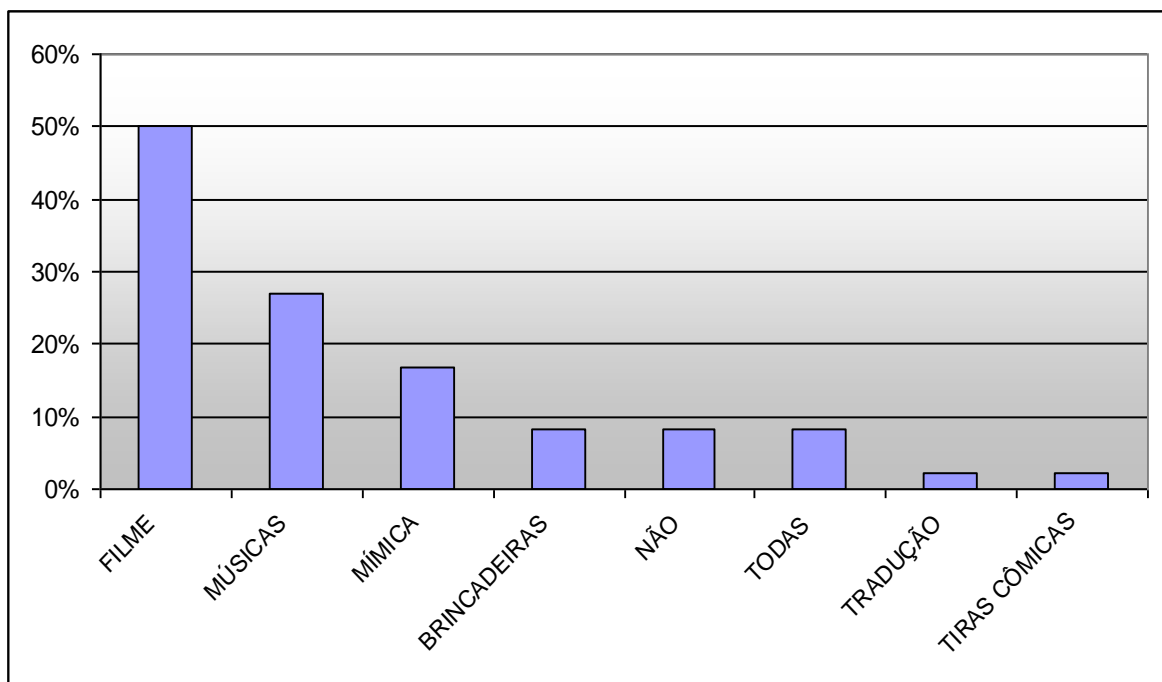
Mesmo sem a intenção educativa de aprender, quem brinca aprende. Aprende-se também a brincar. Nem sempre a brincadeira tem o compromisso com a aprendizagem, porém o valor do aprender brincando não é negado. No brincar é possibilitado à criança fazer relações, viver experiências, construir sua subjetividade, imaginar, experimentar as mais diversas emoções, administrar conflitos, interagir e desenvolver-se.

É gratificante saber que muitas das atividades aplicadas vão ficar na memória dos alunos e, conseqüentemente, carregarão uma maior bagagem linguística para as séries subsequentes. Das atividades favoritas, a mímica é a mais lembrada. Essa

atividade fez com que os alunos saíssem de seus lugares “de sempre” formando grupos os quais se interagiram e competiram entre si. Algumas das respostas do questionário (em anexo) demonstram o interesse das crianças pela atividade: “Sim, todas foram sendo ensinadas brincando, e assim é um jeito divertido de se aprender inglês.”; “Sim, dos Beatles, porquê é bem divertido”; “Sim. A que nós cantamos dos macacos. Porque é legal, muito interessante e divertido.” “Sim, a música dos pronomes pessoais. Porque é divertido”

As atividades exigiram criatividade e competência na língua inglesa e, para a maioria, tudo não passou de uma brincadeira, uma forma divertida de aprendizagem.

Gráfico 3: Atividades que os alunos mais gostaram de repetir

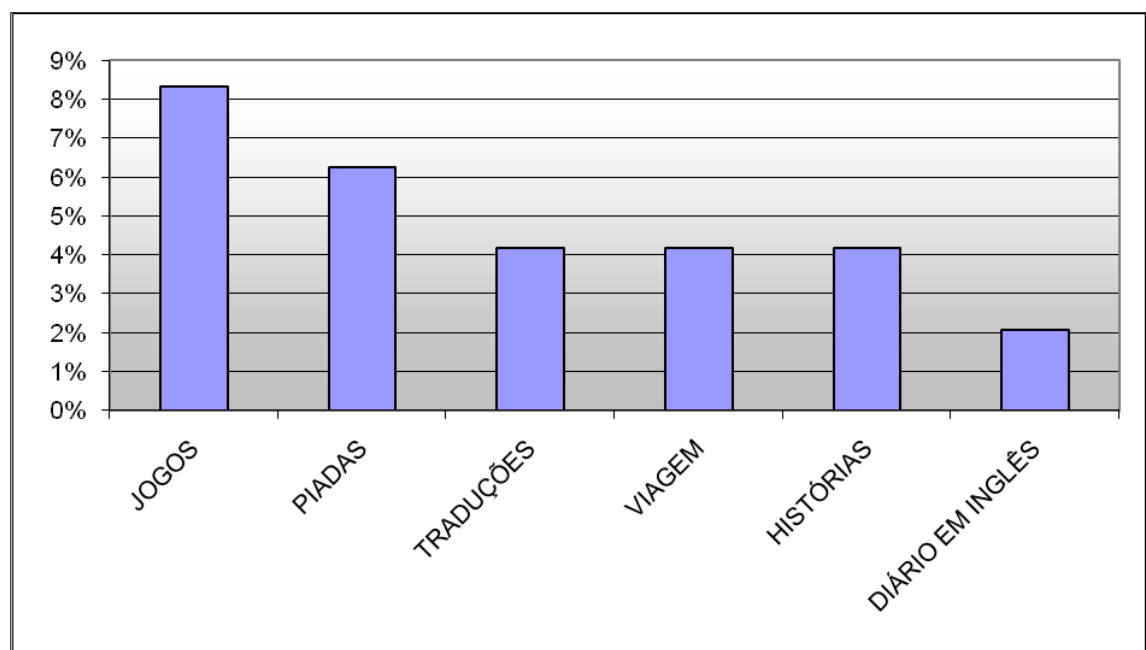


Se a grande maioria preferiu repetir as atividades, neste caso o filme, demonstra que há uma motivação significativa que poderá auxiliar em uma aprendizagem mais prazerosa e gratificante. Benjamin afirma que existe uma “[...] lei fundamental que,

antes de todas as regras ou leis particulares rege a totalidade do mundo do brinquedo: A Lei da repetição” (1984, p.74), ou seja, para a criança, a repetição é o cerne do jogo. Cada vez que joga ou ouve uma história é como se fosse a primeira vez, precisa ouvir e brincar centenas de vezes, vivenciar todas essas repetições, saboreando cada momento como se fosse único, renovando a experiência daquele instante.

O quadro demonstra que o fator repetição ainda está presente de forma significativa nas séries do Ensino Fundamental I. A criança não se contenta em assistir a um filme uma vez somente, pelo contrário, precisa revê-lo diversas vezes. A repetição é uma das características mais importantes na aprendizagem de língua estrangeira. Algumas das falas das crianças no questionário em anexo demonstram algumas das atividades que elas gostam de repetir: “Sim, a da mímica porque eu queria repetir de novo porque é divertida e a do filme porque a gente assiste e faz a prova...”; “Sim, há de escrever, ler e colar músicas e depois cantar porque é legal cantar em inglês”.

Gráfico 4 – Atividades sugeridas pelos alunos para serem incluídas nas aulas de língua inglesa

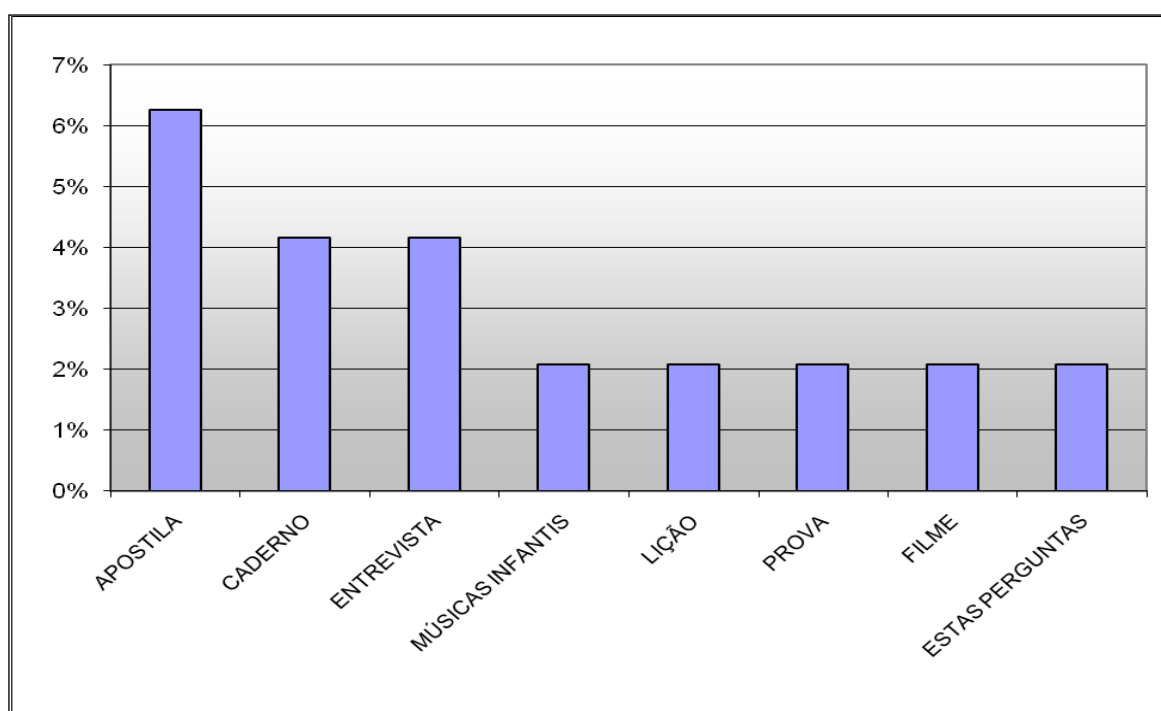


Mesmo que a maioria tenha optado por não incluir mais atividades nas aulas de inglês, pois afirmam estar satisfeitos com as que participaram, surgiram algumas sugestões que poderão ser bem vindas.

Quando ouvimos nossos alunos, abrimos várias portas para uma série de possibilidades de sucesso nas práticas pedagógicas. Todavia, para que isso ocorra, devemos estar abertos à possibilidade de lidar com fatos novos, a aprender que não existe uma única verdade e que estamos envolvidos num processo relacional do qual temos, pelo menos, parcial responsabilidade.

O gráfico é uma pequena demonstração de uma prática do diálogo, pois o professor que sabe ouvir seus alunos será capaz de despir a armadura da acusação e procurar compreender o que se esconde por detrás do óbvio.

Gráfico 5 – Atividades não apreciadas pelos alunos na aula de inglês



O gráfico acima é um reflexo das aulas variadas em que o professor sai da rotina do material apostilado e, mesmo lutando contra o tempo para cumprir o conteúdo da

apostila, pode alcançar muitos objetivos como a satisfação e o interesse do aluno pelas aulas de língua inglesa. A satisfação é significativa de acordo com as respostas dos alunos, resultado das atividades lúdicas durante o ano letivo. No entanto, se há motivação, haverá uma provável repetição das atividades, assim, mais prática e aprendizagem.

Para qualquer coisa que se faça na vida é necessário, em primeiro lugar, a vontade de realizá-la, senão nada acontece. Isso também ocorre na educação. Educação requer ação para que haja o aprendizado. Contudo, para que se realize a ação e esta resulte no aprendizado é necessário, inicialmente, que haja a vontade de aprender. O professor deve descobrir estratégias, recursos para fazer com que o aluno queira aprender, em outras palavras, deve fornecer estímulos para que o aluno se sinta motivado a aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidencia a importância de se aprender uma língua estrangeira no Ensino Fundamental I, pois nesse período a criança é capaz de compreender o sistema formal da língua e também praticá-la de uma forma prazerosa e divertida, se lhe for permitido. Além disso, a criança, quando satisfeita com a atividade, gosta de repeti-la, fator essencial para aprendizagem de uma língua estrangeira.

Já não é satisfatório mais uma aula de inglês em que se vê o professor como a única fonte de informações e saberes, que tão somente deposita tais conhecimentos nas mentes, até então “vazias” dos alunos. Conscientes de que nossos alunos são agentes ativos deste novo modelo de sociedade e que dispõem de diversos conhecimentos antes de chegar à escola, cabe a nós, mediadores da aprendizagem, contribuir para organizar

estes tais conhecimentos, disseminá-los entre o grupo e permitir circular na classe o máximo de informações que auxiliem no aprendizado de uma nova língua.

Com criatividade e dedicação, o professor pode transformar uma aula descontextualizada e sem vida em uma atividade lúdica e talvez inesquecível para o aluno. O problema é que existem profissionais que se contentam com o conteúdo pré-determinado do sistema apostilado, pois é muito mais fácil, já que tudo está pronto e o professor não terá trabalho nenhum de preparar algo diferente.

Todavia, o sistema apostilado compartimentaliza as informações e faz o indivíduo perder a criticidade, mesmo assim, ainda há educadores que dedicadamente conseguem atingir objetivos positivos em suas práticas. O trabalho é árduo, pois nada-se contra a maré de obstáculos impostos pelo sistema, no entanto, a recompensa que conseqüentemente surgirá são alunos que deixam de estudar pela obrigação de alcançar um resultado preestabelecido, abrindo as portas para o encantamento e a magia da descoberta e da criação.

O maior objetivo nas atividades relatadas foi explorar outros meios para facilitar a compreensão da língua inglesa de uma forma divertida, prazerosa e menos *adultocêntrica* possível. Objetivos que foram além das expectativas, uma vez que pode-se enxergar o “homem” que irá despertar dentro de cada criança e por outro lado ter-se a experiência de aprender com os alunos a liberar a criança que estava muitas vezes recolhida dentro do profissional adulto.

Hoje, o conhecimento de uma língua estrangeira, neste caso a língua inglesa, passou a ser uma necessidade de acesso a informações veiculadas em língua estrangeira, inclusive, é um excelente meio de aquisição cultural. É mais que um instrumento de trabalho no novo contexto globalizado, pois é também uma grande contribuição para a nossa formação humanista. No entanto, essa pesquisa também pode ser uma porta para

outros questionamentos como: por que a língua inglesa não faz parte da grade curricular do Ensino Fundamental I no ensino público, se esta é uma das melhores fases para aprender o idioma?

Qual é a real importância da língua inglesa no Ensino Fundamental ciclo I para a rede pública de ensino? Lembrando que os PCNs-LE, apoiados pela nova LDB, tentam resgatar a importância que o ensino de línguas estrangeiras modernas havia deixado para trás. Atualmente, integradas à área de Linguagens Códigos e suas Tecnologias, as Línguas Estrangeiras assumem a condição de serem parte indissolúvel do conjunto de conhecimentos essenciais que permitem ao estudante aproximar-se de várias culturas e, conseqüentemente, propiciam sua integração num mundo globalizado.

Sabe-se que, diferentemente daquele espaço onde é apresentado o poder exercido pelo adulto sobre a criança, a educação libertadora exige que a escola seja um espaço construído e organizado com a participação da criança, respeitando-a enquanto sujeito de direitos, que tem voz própria, que produz cultura. Conseqüentemente essa criança poderá ocupar o espaço escolar, transformá-lo em lugar da experiência e desenvolver-se enquanto sujeito,

Portanto no Ensino Fundamental I, o aluno não somente se familiariza com a cultura e o idioma, mas é capaz de aprender estruturas linguísticas da língua inglesa que serão muito importantes em níveis mais avançados de compreensão da língua. A criança também terá a oportunidade de construir seu próprio conhecimento, permitindo que ela possa interagir-se com a sociedade e ser um agente transformador e construtor de uma nova mentalidade. Durante essa fase é muito mais tangível a tentativa de uma contribuição para uma educação libertadora, apresentando a língua inglesa de uma forma menos reprodutiva, mais dinâmica, contextualizada, viva, motivadora, respeitando e aproveitando as características que auxiliam na aprendizagem da criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, JCP. *O ensino de línguas no Brasil de 1978. E agora?* Revista Brasileira de Lingüística Aplicada. Vol. 1 No. 1. Campinas-SP, 2001

ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de; GONÇALVES, Margarida de O. C. Qual é a melhor idade para aprender línguas? Mitos e fatos. Revista Contexturas, n.5. 2000/2001, p.11-26.

BENJAMIN, W. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Editora Sumus, 1984.

BORDELOIS, Ivonne. *A palavra ameaçada*. Rio de Janeiro, Vieira et Lent, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. Editora Brasiliense. São Paulo, 1981

BROWN, H. D. *Cognitive and affective characteristics of good language learners*. In: C. A. Henning (ed.) *Proceedings of the Los Angeles Second Language Research Forum*. Los Angeles. UCLA, Departament of English, TESL. 1997

BROWN, H. Douglas, *Teaching by principles: and interactive approach to language pedagogy*. 2nd ed. San Francisco: State University, 2001.

CASTRO, Solange T. Ricardo de. *As teorias de aquisição/aprendizagem de 2ª língua/língua estrangeira: implicações para a sala de aula*. Revista Contexturas, n. 3, 1996, p. 39 – 46.

CESTARO, Selma Alas Martins. *Ensino de língua inglesa: história e metodologia*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte/USP, 2003. Disponível em <<http://www.hottopos.com.br/videtur6/selma.htm>> Acesso em 11 jul. 2009

CRYSTAL, David. *English as a Global Language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1997

DEWEY, *Democracia e Educação*. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira, 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional (1959b).

FRAGA, Maria da Conceição. *Abordagens de ensino de segunda língua e o ensino de LE*. In; Revista Letras. Campinas n.12 p.1-2, 1983

GADOTTI, M. *História das Idéias Pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1997.

HARPAZ, Yehouda. *Myths and misconceptions in Cognitive Science*. Human Cognition in the Human Brain. <<http://human-brain.org/myths.html>>. Online. Nov 1, 2003.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira, 1998.

KRASHEN, S.D. *Principle and Practice in Second Language Acquisition*. Oxford: Pergamon Press, 1982.

LEFFA, V.J. *Metodologia de ensino de línguas*. In: Tópicos de Linguística Aplicada. Ed. UFSC, 1988.

NUNES, Ana R. S. Carolino de Abreu. O Lúdico na Aquisição da Segunda Língua. Disponível in <http://www.linguainglesa.pro.br/artigos_papers/ludico_linguas.htm>. Acesso em 11 de maio. 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Fontes, 2002.

PIAGET, Jean. Os estádios de desenvolvimento intelectual da criança e do adolescente. In: LEITE, D. M. (org). O desenvolvimento da criança. Atualidades Pedagógicas, col.109. São Paulo: EDUSP, 1972 a.

RICARDO CASTRO, S. (2002) Teoria e prática na reconstrução da concepção de linguagem do professor de línguas. Revista Brasileira de Linguística Aplicada Vol. 2 No. 1.

RICHARDS, Jack C. & RODGERS, Theodore S. *Approaches and Methods in Language Teaching: A description and analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SCHÜTZ, Ricardo. *O Inglês como Língua Internacional*. English Made in Brazil <<http://www.sk.com.br/sk-ingl.html>>. Online. 3 de junho de 2009.

SOUZA, Solange Jobin e. *Infância e Linguagem - Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. 7. ed. Campinas: Papyrus, 1994.

TEIXEIRA, Anísio A reconstrução do programa escolar. *Escola Nova*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 86-95, nov./dez. 1930b

WADSWORTH, Barry J. *Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget*. 5ed. São Paulo: Thomson Learning, 2003